



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Comunicação Social – Comunicação Organizacional

THAÍSA NAYARA DE SOUZA BARBOSA

**“A CONSTRUÇÃO DA LEGITIMIDADE DA INFORMAÇÃO VEICULADA
NAS MÍDIAS SOCIAIS DURANTE AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE
2013 NO BRASIL”**

Brasília

2013

THAÍSA NAYARA DE SOUZA BARBOSA

“A CONSTRUÇÃO DA LEGITIMIDADE DA INFORMAÇÃO VEICULADA
NAS MÍDIAS SOCIAIS DURANTE AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE
2013 NO BRASIL”

Monografia apresentada à banca examinadora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional, sob orientação da Professora Mestra Gabriela Freitas.

Brasília

2013

Barbosa, Thaísa Nayara, 1992-.

A Construção da legitimidade da informação veiculada nas mídias sociais durante as manifestações de junho de 2013 no Brasil/ Thaísa Nayara de Souza Barbosa – 2013.

84 f.: il.

Monografia (bacharelado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2013.

1. Orientadora: Gabriela Freitas. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade de Brasília, Curso de Comunicação Social, habilitação em Comunicação Organizacional, 2013.

1. Manifestações Junho 2013; 2. Comunicação colaborativa; 3. Redes Sociais; 4. Movimentos sociais; 5. Legitimação.

THAÍSA NAYARA DE SOUZA BARBOSA

**“A CONSTRUÇÃO DA LEGITIMIDADE DA INFORMAÇÃO VEICULADA
NAS MÍDIAS SOCIAIS DURANTE AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE
2013 NO BRASIL”**

Monografia apresentada à banca examinadora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação com habilitação em Comunicação Organizacional, sob orientação da Professora Mestra Gabriela Freitas.

Monografia aprovada em __/__/__ para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional.

Banca Examinadora:

Profª Ma. Gabriela Freitas

Orientadora

Profª Drª Ellis Regina de Araújo

1º Membro da Banca Examinadora

Prof. Me. Luciano Mendes

2º Membro da Banca Examinadora

Profª Drª Elen Cristina Geraldês

Suplente

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os manifestantes brasileiros que sonham em transformar o Brasil. Espero ter colaborado de alguma forma, com reflexões acerca dos movimentos sociais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por toda sabedoria e coragem que me proporcionou durante esse desafio e também a todos os professores que já passaram em minha vida, desde o ensino infantil até os inigualáveis professores do ensino superior – em especial à minha professora orientadora Gabriela Freitas. Sem a paciência e sabedoria de todos eles seria impossível ter chegado até aqui. Agradeço imensamente a minha família que me apoiou e proporcionou excelentes condições de exercer uma etapa tão difícil quanto à execução de um Trabalho de Conclusão de Curso. Não poderia deixar de consagrar todos os companheiros da primeira turma de Comunicação Organizacional do Brasil – que de maneira magnífica me acompanharam nesses quatro anos de curso, em especial, meus queridos amigos Beatriz Trece, Bruno Rafael e Camila Duarte que estavam diariamente comigo, me dando força e me incentivando nos momentos mais difíceis.

*“Quando chegar o momento, esse meu
sofrimento. Vou cobrar juros, juro!
Todo esse amor reprimido, esse grito contido.
Este samba no escuro”.*
Chico Buarque – Apesar de Você

RESUMO

Este trabalho analisa a construção da informação acerca dos movimentos sociais ocorridos em junho de 2013 e a legitimação destes dentro das mídias sociais no Brasil. Um panorama sobre o histórico das manifestações no Brasil foi elaborado assim como uma análise acerca dos protestos no mês de junho. Diversos aspectos foram abordados como a questão da comunicação colaborativa, a participação política popular, as ferramentas e estruturas disponíveis nas redes sociais que auxiliam na fluidez da comunicação e a organização desta. Também foi preciso compreender as estruturas inseridas dentro dessas redes, como a existência dos laços sociais e do capital social. As conclusões relevam as principais características dessas manifestações – pluriclassistas e multitemáticas.

Palavras-chave: Manifestações Junho 2013, comunicação colaborativa, redes sociais, movimentos sociais, legitimação.

ABSTRACT

This paper analyzes the construction of information about the social movements that occurred in June 2013, and its legitimation inside social media in Brazil. An overview about the social movements' history in Brazil was prepared as well as an analysis of the protests in June. Several aspects were discussed such as the issue of collaborative communication, popular political participation's tools and the structures available in the social networks that supports in the fluidity of communication and its organization. It was also necessary to comprehend the existing structures inside those networks, such as the existence of social ties and social capital. The conclusions reveal the main characteristics of these protests – many different classes and themes.

Keywords: Protests June 2013, collaborative communication, social networking, social movements, legitimation.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Confederação dos Tamoios – Obra de Rodolfo Amoedo.....	22
FIGURA 2 - Manifestazione degli Indignati a Roma – Marco Marilungo.....	42
FIGURA 3 - Fluxo de comunicação em dois níveis – Modelo de Katz e Lazarsfeld.....	48
FIGURA 4 – Plataforma do Site Causa Brasil.....	54
FIGURA 5 – Reportagem – The Signs of Brazilian Protests – The New York Times....	61
FIGURA 6 – Fotografia da Marcha das Crianças.....	64
FIGURA 7 – Publicação na página do Facebook - “Manifestações Brasília”	70
FIGURA 8 – Publicação na página do Facebook - “Manifestações Brasília”	71
FIGURA 9 – Imagem do Instagram da modelo Yasmim Brunet.....	73
FIGURA 10 – Imagem do Instagram do ator Carmo Dalla Vecchia.....	74

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Laços Sociais.....	38
-------------------------------	----

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Proporção de Usuários de Internet por Classe Social.....	44
GRÁFICO 2 - Veículos de comunicação utilizados para se informar sobre as manifestações.....	65
GRAFICO 3 - O que mais chamou atenção e impactou no <i>Facebook</i> durante as semanas das manifestações.....	67

SUMÁRIO

JUSTIFICATIVA.....	14
OBJETIVOS.....	15
PROBLEMA DE PESQUISA	16
INTRODUÇÃO	17
METODOLOGIA	20
1. MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL	22
1.1 A participação política na internet	27
1.2 O Jornalismo Colaborativo como ferramenta de Participação Política.....	32
2. REDES SOCIAIS E O FLUXO DE INFORMAÇÃO	36
2.1 A organização da informação em rede	41
2.2 O capital social dentro das redes sociais	45
2.3 O papel dos líderes de opinião nas redes sociais	47
3. COMPREENDENDO AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 NO BRASIL	50
3.1 A legitimação da informação acerca das manifestações de junho pelas redes sociais em Brasília	64
CONCLUSÃO	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79
APÊNDICE.....	81
Apêndice A - Questionário aplicado nas manifestações:	81
ANEXO A.....	82
Fotografias diversas das manifestações em Brasília:	82

JUSTIFICATIVA

As manifestações que aconteceram em junho por todo Brasil marcaram historicamente o ano de 2013. Os ideais ali representados, por grande parte da população, foram caracterizados pelo direito à individualidade e também pelos interesses da coletividade.

Inicialmente, o movimento começou em São Paulo devido ao aumento das passagens, mas a extensão das manifestações se estendeu Brasil afora, defendendo não somente a questão da tarifa das passagens de um estado específico, mas também os anseios políticos de grande parte dos brasileiros (residentes ou não no Brasil).

A cobertura das mídias e a participação efetiva da sociedade nas redes sociais foram utilizadas por grande parte dos manifestantes como meio de obter informação. Contudo, o facebook foi utilizado massivamente como forma de expressão de opiniões e de convite para convocar mais integrantes ao movimento.

A análise acerca dos movimentos sociais e a compreensão da construção da legitimidade das informações sobre esses dentro das redes sociais virtuais é importante para melhor compreensão das interferências dessas redes no cotidiano dos indivíduos que possuem acesso a elas, além de tornar possível avaliar o comportamento individual e coletivo diante da participação política através da internet.

OBJETIVOS

Geral

Compreender os mecanismos que possibilitam a legitimação da informação nas mídias sociais, mais especificamente o Facebook, durante as manifestações de junho de 2013, com foco principal na cidade de Brasília.

Específicos

- Catalogar e anexar fotografias e vídeos feitos pelos manifestantes – anexos;
- Compreender as dinâmicas colaborativas dentro das manifestações;
- Analisar os principais pilares que sustentam as redes sociais.

PROBLEMA DE PESQUISA

Essa investigação busca compreender melhor de que forma as redes sociais interferem na recepção e produção da informação dos indivíduos, principalmente quando se trata de uma informação pública e que é de interesse da sociedade em geral. A chegada das manifestações em junho de 2013 foi importante para que o poder organizativo dessas novas mídias ficasse ainda mais perceptível por todos.

A pergunta cerne para esta monografia: “Como se constrói a legitimidade da informação veiculada nas mídias sociais durante as manifestações de junho de 2013 no Brasil?” surgiu a partir do momento em que foi observado, por meio de aplicação de questionário nos protestos, que grande parte dos integrantes do movimento tomou conhecimento a respeito das manifestações através dessas redes virtuais e, além disso, muitos desses resolveram se unir ao movimento a partir do momento em que tiveram acesso a postagens de outros manifestantes que relatavam acontecimentos das manifestações por meio de fotografias, depoimentos e vídeos também nas mesmas redes. Esse caráter de comover e convidar pessoas de maneira mais informal e de forma ainda assim crível é característico dessas novas mídias e intriga pesquisadores sobre o assunto. Sendo assim, para compreender como a legitimidade dessas informações foi desenvolvida foi fundamental exercer um caráter investigativo a respeito das ferramentas que compõem essas redes sociais, como os laços sociais, as interações e o capital social.

A confiabilidade gerada por parte de alguns indivíduos nas redes sociais sejam eles líderes de opinião ou não, é fundamental para que uma informação se dissipe e seja aceita - considerada válida e legítima. Os elementos citados acima (laços sociais, interações e outros) incorporam o conceito de construção e são o motor dessa investigação, que visa entender como se dão as relações dos usuários dessas redes com a informação dentro dessas novas mídias sociais, mais especificamente o Facebook.

INTRODUÇÃO

O Tema escolhido para este Trabalho de Conclusão de Curso – A construção da legitimidade da informação veiculada nas mídias sociais durante as manifestações de junho de 2013 no Brasil - surgiu por meio de uma observação pessoal nas redes sociais, mais especificamente, o *facebook*. No início de junho de 2013 percebi que a grande maioria dos assuntos que estavam sendo tratados nas redes sociais que tenho acesso (*Facebook*¹ e *Instagram*²) era a respeito das manifestações iniciadas em São Paulo, pelo Movimento Passe Livre. Assumo, portanto a postura de um pesquisador participativo, que vai a campo e vivencia o objeto de estudo, buscando, alternadamente, se inserir nos processos e dinâmicas a serem analisados para, posteriormente, se distanciar e partir a uma observação das questões problematizadas pela pesquisa.

Dias depois notei que as manifestações tinham chegado ao Distrito Federal e em outras cidades do país, que as temáticas eram ampliadas a cada dia e a luta por direitos cívicos elementares entraram em discussão - o preço das tarifas de ônibus, que dias depois das manifestações sofreu reduções, passaram a não ser mais o cerne dos movimentos.

O mais interessante e que chamou atenção sobre todo esse processo foi a maneira como a população utilizou essas redes para legitimar as manifestações – postando fotos, vídeos, depoimentos entre outras ferramentas de comunicação – o intuito era convocar o maior número de pessoas a irem para as ruas também. Todas essas publicações, sem caráter jornalístico profissional, despertaram diversas pessoas a integrarem as manifestações também, algumas que, assim como eu, não enxergavam tanta atração no universo da política num primeiro momento.

Toda a organização dos manifestantes foi interessante, pois demonstrou o poder

¹ Facebook é um site e serviço de rede social que foi lançado em fevereiro de 2004. O website é gratuito para os usuários e possui diversas ferramentas, entre elas: criação de eventos, compartilhamento de publicações, o botão curtir, jogos entre outras.

² Instagram é um aplicativo e mídia social que permite aos usuários tirar fotos, aplicar um filtro que as edite e depois compartilhá-la numa variedade de redes sociais, incluindo o próprio *Facebook*

de balançar o país, que está na voz do povo. Sendo Brasília a capital do Brasil e uma das cidades mais representativas pela onda de protestos, nada mais justo que direcionar este trabalho a identificar a legitimidade do que foi postado por nossa comunidade, além de compreender as manifestações no âmbito nacional.

A cobertura das mídias e a participação efetiva nas redes sociais foram utilizadas durante a pesquisa como meios de obter informações sobre o tema. Contudo, como veremos adiante, o *Facebook* saiu na frente e foi utilizado massivamente como forma de expressão de opiniões, relatos e de convites para convocar mais integrantes aos protestos. Portanto, a análise do comportamento das postagens dos manifestantes, a credibilidade e a legitimidade desse conteúdo é fundamental para melhor compreensão dessas redes no cotidiano das comunidades, da sociedade e do país e, especificamente, da importância no âmbito das manifestações de junho de 2013.

Os movimentos sociais no Brasil acontecem há muito tempo e fazem parte fundamental da história do nosso país, como veremos no primeiro capítulo deste trabalho. Para melhor compreensão do caráter histórico dos movimentos sociais foi fundamental estudá-los no período da Ditadura, bastante comparado com o período atual devido à grande presença do corpo estudantil (principalmente universitário). O livro “Poder Jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros” do autor Arthur Poerner (1995) auxiliou a entender melhor o surgimento da União Nacional dos Estudantes (UNE) e como esses são cruciais para a consolidação da democracia de um país.

Trazer esse contexto político dos movimentos sociais anteriores e dos atuais foi importante para compreender seus desdobramentos na Internet. O livro “A galáxia da Internet” do sociólogo Manuel Castells (2003) foi importante, pois possibilitou um maior entendimento acerca do espaço virtual e da evolução deste a partir da WEB 2.0., dentre outros fatores importantes para compreender as dinâmicas contemporâneas do ambiente online. Possibilitando uma superfície mais participativa e interativa para os usuários, a WEB 2.0 propicia o desenrolar do conceito de comunicação colaborativa e/ou jornalismo colaborativo, por exemplo, estudado durante a realização desta pesquisa por meio de diversos artigos.

A complementação da atuação política popular dentro do contexto virtual foi reforçada pelo livro “Internet e Participação Política no Brasil” (2011), o qual delibera diversas maneiras de envolvimento político do povo, através da utilização de recursos da rede. As manifestações são fundamentalmente políticas, o estudo dessas dentro das redes sociais não admitiria um esquecimento da presença da política na internet e o poder que o coletivo tem a partir desta.

No contexto das manifestações de junho de 2013, o fluxo constante de imagens (seja em vídeo ou em fotografia) e postagens com textos curtos e mais diretos passou a fazer parte do cotidiano de vários indivíduos, principalmente daqueles que se encontram nas redes sociais constantemente. De acordo com Raquel Recuero (2009), esses grupos seriam construídos por uma nova forma de sociabilidade, decorrente da interação mediada pelo computador, capaz de gerar laços sociais. Toda essa teoria que circunda os laços sociais, explorada por vários autores, como é o caso de Raquel Recuero, uma das referências desta pesquisa, foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho - entender como as relações são constituídas e se consolidam através do relacionamento temporal.

Diante dos movimentos sociais organizados majoritariamente nas mídias sociais é necessário entender, ainda, como características principais das manifestações se enquadram nas novas ferramentas midiáticas e também como algumas teorias clássicas da comunicação de massa ainda se fazem presentes na atualidade. Além dessa relação com as redes sociais, foi preciso analisar a atuação dos grandes veículos de comunicação, que apresentaram variações nos discursos acerca das manifestações. Inicialmente não demonstraram muita afeição aos movimentos, mas com a proporção que estes que tomaram, tiveram que reconhecê-los e demonstrar interesse pelas causas abordadas, como veremos no terceiro capítulo. Essas variações fizeram grande impacto na atuação dos manifestantes, que passaram a criticar ainda mais a grande mídia nos protestos.

Espero com este trabalho contribuir com reflexões acerca dos movimentos sociais no Brasil e como a organização desses movimentos pode se apropriar dos novos cenários que se tornam possíveis a partir do desenvolvimento tecnológico e

informativa.

METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido por meio de três formas de pesquisa:

- Observação participante nas manifestações nos dias 17, 20, 22 e 26 de junho de 2013 e aplicação de questionário no dia 22 do mesmo mês em Brasília;
- Observação de todas as publicações no mês de Junho na página “Manifestação Brasília” e no evento “Marcha do vinagre” – presentes no *Facebook*;
- Análise de reportagens do mês de junho do portal de notícias G1 e nas emissoras televisivas – mais especificamente a Rede Globo.

Para realizar essa investigação da construção da legitimidade da informação nas redes sociais foi preciso aplicar um questionário (apêndice A), o qual constituiu a base para o desenvolvimento das críticas e teorias analisadas neste trabalho. No dia 22 de junho fui às manifestações e escolhi grupos aleatórios para aplicar os questionários – de forma que não obtive nenhuma aversão por parte das pessoas que foram abordadas para responder. A única dificuldade encontrada foi a intensa movimentação das pessoas neste tipo de eventos, o que acaba prejudicando a aproximação e diminuindo o número de questionários aplicados em relação à expectativa inicial.

A amostra foi de 139 respondentes – 70 do sexo feminino, 66 do sexo masculino e três questionários sem resposta quanto ao gênero. Outro dado importante para compreender um pouco o perfil dos entrevistados é que 66% destes têm entre 15 e 24 anos – ou seja, a grande maioria se enquadra em um perfil jovem e estudantil.

As questões fundamentais para este trabalho foram as de número dois, três e quatro, que exploravam um pouco mais a respeito da utilização do *Facebook* como fonte de informação – os dados foram divulgados no decorrer deste trabalho sempre associados com as teorias analisadas. Os resultados destas foram muito importantes para uma confirmação do que estava sendo estudado. É perceptível como a participação pública dentro das redes e principalmente a partir de postagens que

utilizam o recurso de imagens chama, mais facilmente, a atenção dos usuários de redes sociais. Observaremos mais profundamente essas afirmações no capítulo três.

A observação participante das postagens nas duas principais páginas apontadas pelos questionários foi bastante interessante, pois foi possível examinar os comentários, os números de partilhas, as características daquelas publicações que tinham um maior número de interações e assim relacionar com os diversos contextos.

A respeito da grande mídia foi perceptível que sua atuação não estava agradando os movimentos, e assim passei a observar as reportagens, principalmente vinculadas à Rede Globo e ao portal de notícias G1, com especial atenção às que davam destaque a questões como a violência a jornalistas, o discurso proclamado em rede nacional de televisão pela presidente Dilma Rousseff e a repressão policial.

1. MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL

Os movimentos sociais existem no Brasil desde o período colonial. A primeira rebelião de que se tem notícia foi também registrada pelo pintor brasileiro Rodolfo Amoedo em 1883 e é conhecida como “Confederação dos Tamoios (1562)” – uma rebelião conjunta de tribos indígenas contra os portugueses que acabou sendo pacificada por padres jesuítas. Confira a obra de Rodolfo Amoedo na figura 1 abaixo:

Figura 1:



RODOLPHO AMOEDO (1857-1941): O Último Tamoio, 1883.
Óleo sobre tela, 180,3 x 261,3 cm.
Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.

Fonte: O Saqua – Jornal de Saquarema³

O Brasil, assim como toda a América Latina, possui um vasto campo histórico para ser explorado e analisado por meio de seus movimentos sociais. Essas ações sociais que mobilizam pessoas, grupos e classes em prol de alguma motivação, tema ou atitude pode gerar um conjunto de relações e até mesmo momentos únicos na história de um país. Um grande exemplo nacional é o da Inconfidência Mineira, no ano de 1879, a qual teve como marco o enforcamento de Joaquim José da Silva Xavier, mais conhecido como Tiradentes. A causa de sua trágica morte seria a participação e

³ Link:

<http://www.osaqua.com.br/2013/05/09/a-grande-batalha-da-confederacao-dos-tamoios-foi-em-saquarema/>
/- Acesso em: 10/11/2013

provável liderança em protestos que iam contra os interesses portugueses. Até hoje no Brasil esta data é lembrada, e o dia de sua execução, 21 de abril, é feriado nacional.

Observa-se que desde a colônia até a república tivemos inúmeras revoltas que foram extremamente significativas para o desenvolvimento do Brasil – Guerra dos Farrapos (1835 – Rio Grande do Sul); Sabinada (1837 - Bahia); Balaiada (1838 - Maranhão); Guerra dos Canudos (1896 – Bahia); Revolta da Vacina (1904 – Rio de Janeiro); Revolução Constitucionalista (1932 – São Paulo) entre outras. Todas com intuito de transformação – seja econômica, territorial, democrática e/ou cultural.

O golpe de líderes militares e civis em março de 1964 a fim de retirar o então presidente João Goulart foi muito importante na construção, no Brasil, de relações entre movimentos sociais, o Estado e a sociedade civil - que, para Rousieley Maia significa o “[...] conjunto de associações, grupos formais e informais e redes na sociedade que existem fora da família (e das relações íntimas), do Estado e as instituições a ele ligadas [...]”. (MAIA, 2011, p. 50). Essa definição sobre sociedade civil proposta pela autora também se divide e é complementada pelo conceito de Boa e Má sociedade civil, isso quer dizer que existem, dentro da sociedade civil, dois âmbitos de atuação. Um de grupos que propiciam a luta pela democracia e demonstram insatisfação à supremacia das classes dominantes (categorizada como boa sociedade civil), mas também existem aqueles grupos que estimulam problemáticas sociais como xenofobia, racismo, homofobia, incitação à violência entre outras atitudes, denominada má sociedade civil. Não podemos deixar de reconhecer que dentro de qualquer movimento social é possível identificar a atuação da boa e da má sociedade civil, e para que o movimento não perca sua legitimidade, a causa levantada deverá se sobrepôr perante a atuação incoerente de determinado grupo.

A história dos movimentos estudantis, iniciada em abril de 1964, foi bastante intrigante e delicada, pois os estudantes vinham com conquistas, como o aumento de vagas na Universidade do Brasil (atualmente funciona como a Universidade do Rio de Janeiro – UFRJ), e depois do golpe militar “passaram, automaticamente, à condição de elementos de alta periculosidade para segurança nacional, aos olhares eternamente vigilantes das novas autoridades”. (POERNER, 1995, p. 203). Esse novo perfil

caracterizador promoveu muita insatisfação à classe estudantil, que por meio da União Nacional dos Estudantes (UNE), resolveu demonstrar seu descontentamento com as situações impostas pelo regime militar.

Cartas de indignação publicadas em jornais, cartazes em protestos contestando a falta de democracia e os direitos à liberdade e manifestações contra a Lei Suplicy (1964 - lei que colocou a UNE na ilegalidade fazendo com que esta passasse a atuar de forma clandestina) foram as principais formas de mobilização dos estudantes. Um dos ápices que marcou a repressão policial neste período contra os estudantes foi a morte de Edson Luís de Lima Souto, 18 anos, que estava em um restaurante no Rio de Janeiro quando foi assassinado por policiais. Este estudante certamente não foi a primeira vítima do regime militar, porém sacudiu ainda mais o descontentamento da sociedade brasileira e, assim, em seu enterro foi possível perceber que a população não se calaria facilmente às repressões.

Outro estudante que se tornou símbolo na luta da história da política brasileira se chamava Honestino Guimarães. Estudante do curso de Geologia da Universidade de Brasília, ele se envolveu com a liderança de movimentos estudantis, entre eles, a Federação dos Estudantes Universitários de Brasília (FEUB), da qual se tornou presidente. Em 1968, um dos anos mais representativos em termos de luta contra a ditadura, Honestinho foi preso dentro da Universidade de Brasília. A polícia militar já havia fechado a UnB antes (no ano de 1965), quando expulsou alunos, servidores e professores com bastante violência. Dessa vez, em 1968, a polícia invadiu a UnB com intenção de cumprir mandados de prisão, como a do Honestino, e de outros militantes.

No dia 26 de junho de 1968, com a organização da UNE e com o apoio de diversos artistas e intelectuais, ocorreu a Passeata dos Cem Mil no Rio de Janeiro, passeata que inicialmente contava com 50 mil pessoas e em menos de uma hora o número de manifestantes duplicou. Protestavam contra a ditadura, contra a repressão policial e a favor da liberdade cultural.

Em dezembro do mesmo ano, entrou em vigor o Ato Institucional ⁴5 (AI5), que

⁴Decretos emitidos após o golpe militar de 1964 no Brasil. Os Atos Institucionais legitimaram e legalizaram as atitudes políticas dos militares, o que propiciou a eles poderes extra-constitucionais.

simbolizou o ato mais repressivo e violento da história da Ditadura. O militante Honestino, que já havia saído da prisão decidiu deixar Brasília e foi para São Paulo. Quando Jean Marc von der Weid, Presidente da UNE, foi preso, Honestino assumiu a presidência e continuou coordenando atividades estudantis e lutando contra o regime militar, onde permaneceu até 1973 quando foi novamente para prisão. Em meados de 1976 outros presos da cidade de São Paulo denunciaram o desaparecimento de Honestino Guimarães. Sua família tentou encontrar informações sobre seu sumiço, porém permaneceram sem resultados. O estudante ficou reconhecido pela sua persistência nas lutas sociais e pela liderança exercida nesses movimentos contra a ditadura. Apenas em 1995 o militante teve seu óbito reconhecido e no ano seguinte a Universidade de Brasília o concedeu mérito universitário. O professor do departamento de História da Universidade de Brasília, Daniel Faria, caracteriza bem, no site sobre o estudante, a imagem que o militante tem para aqueles que possuem um conhecimento acerca das contribuições de Honestino para história do Brasil quando diz que:

Honestino é presente, não apenas porque seu nome está escrito em paredes e papéis, mas porque sua luta nos convida à luta, porque seu sonho nos convida ao sonho. Honestino não é um herói – só os tiranos precisam de heróis. Honestino, jovem brasileiro e nada mais. Viveu, sonhou, lutou, sonhos e lutas ainda vivos⁵.

O ano que antecede o fim da ditadura (1984) também é marcado por manifestações da população brasileira, movimentos, conhecidos como Diretas Já, favoráveis à emenda do deputado Dante de Oliveira que demandava eleições diretas para presidência do Brasil. Estas manifestações foram comparadas com as manifestações analisadas neste trabalho. Uma imagem bastante peculiar repercutiu nas redes sociais, a qual contrasta duas fotos de manifestantes que invadem a cúpula do Congresso Nacional – uma de 1984 e a outra de 2013. Os protestos do Diretas Já eclodiram em 1984 e tiveram participação de diversos setores da sociedade, reuniram milhares de pessoas nas ruas de todo o Brasil, inclusive artistas e intelectuais, como por exemplo Gilberto Gil e Milton Santos.

No dia 25 de abril de 1984 a emenda institucional das eleições diretas não foi aprovada, após votação no congresso. Contudo, essas manifestações marcaram

⁵ Disponível em www.honestinoguimaraes.com.br. Acessado em 04/11/2013

fortemente os movimentos sociais no Brasil, se tornando referência quando o assunto é participação popular. Sendo assim, pode-se dizer que o último ano de Ditadura no Brasil (que já estava enfraquecida devido à crise econômica no país) foi bastante conturbado.

O fim de mais de vinte anos de ditadura militar se deu no ano de 1985 com a eleição de Tancredo Neves do Partido Social Democrático (PSD), seguido da aprovação da Constituição de 1988. É perceptível que durante a ditadura o verdadeiro desejo de todos aqueles que se opunham ao sistema girava em torno de transformação na cultura política, ou seja, além das demandas coletivas – como, por exemplo, as eleições diretas - surgem as demandas individuais que não abrangem a sociedade como uma estrutura de totalidade. Isso quer dizer que os indivíduos passam a protestar por causas próprias, por questão de respeito a sua identidade e pelo direito de não serem discriminados culturalmente. São os casos dos movimentos éticos, de gênero, ambientais entre outros, como veremos adiante. De acordo com Ilse Warren, surge um sentimento de exclusão da sociedade civil que se acentua consideravelmente durante os anos mais duros do regime militar e que está no bojo dos movimentos sociais que vão se organizando a partir de então. (Warren, Ilse. 2011 p. 54). Dessa forma, essa nova maneira de movimentação visa trazer uma regularização de diversos processos democráticos que são direitos do cidadão.

Esse sentimento de exclusão exposto por Ilse Warren se desenvolve a partir do momento em que o sistema se contradiz quando se afirma um estado democrático. Democracia é um conceito que dá poder soberano ao povo sobre o poder legislativo e executivo. Como é possível viver em democracia se as leis em sua grande maioria, desde a república, não favorecem o povo? Esse questionamento surge e, para supri-lo, muitas vezes é necessário mais do que percebê-lo, mas também mostrar indignação.

Novos Movimentos Sociais são aqueles que surgiram na última metade do século XIX. Movimentos caracterizados por uma nova visão política e de convivência da sociedade. O conceito de respeito à diversidade e aos direitos do cidadão estão cada vez mais sendo cobrados pela sociedade civil, como observamos acima. Sendo assim, grupos que em sua maioria aderem causas próprias, passaram a contestar o autoritarismo e a liberdade de identidade e cultural. Esses grupos que promoveram e

continuam promovendo mobilizações e protestos pelo país, são segmentados em diversas vertentes de acordo com suas identidades, entre elas estão: movimentos rurais/urbanos, movimento feminista, movimento agrário, movimentos étnicos, movimento ecológico, estudantil entre outros.

Nos próximos capítulos entenderemos melhor as características relacionais dos novos movimentos sociais e como eles se organizam na era da internet. Essa investigação será feita, principalmente, por meio de observação participante e estudo acerca das relações dentro de redes virtuais e seu diálogo com os acontecimentos que também se dão fora da rede.

1.1 A participação política na internet

A participação política é bastante complexa, principalmente quando se percebe que há diversas maneiras de participar, entre elas: adentrar na política de forma a exercer cargos eletivos, apoiar um candidato ou partido político, participar de reuniões, manifestações ou comícios públicos, atuar em discussão de assuntos políticos etc.

O advento da Internet, surgido em pleno contexto de Guerra Fria na década de 60 com finalidades militares se expandiu aos poucos e foi adentrando diversos outros círculos, como o acadêmico e posteriormente o social. Em 1990, a Internet iniciou sua expansão, estabelecendo maior contato com a população em geral. Antes a internet se restringia predominante ao meio militar e acadêmico (universitários e professores). No mesmo ano, o inglês Tim Bernes-Lee elaborou a World Wide Web, uma interface gráfica mais exequível que possibilitava a criação de sites mais visualmente interessantes. Com todo esse desenvolvimento a internet passou a fazer parte da rotina de vários segmentos sociais – estudantes, trabalhadores do setor privado e público, gestores, enfim, todos aqueles que possuem condições socioeconômicas de usufruir a nova ferramenta. No início dos anos 2000, a internet mudou completamente o conceito de participação, não apenas política, mas também no corpo social. Para o sociólogo Manuel Castells “A internet é um meio de comunicação que permite pela primeira vez a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global.”

(CASTELLS, 2001. p. 8). E assim, as relações sociais se tornaram cada vez mais virtuais e valorosas, pois quando consideramos a possibilidade do rompimento de fronteiras criamos uma nova estrutura das relações, como se dá mediante a oportunidade de se comunicar instantaneamente com pessoas de outra cidade ou país, por exemplo. Existem relações que foram geradas por redes sociais e que mesmo assim possuem bastante valor para aqueles que fazem parte do ciclo. Algumas vezes, esse relacionamento só é real no mundo virtual e mesmo assim é fundamental para aqueles indivíduos.

Outro marco na história da internet foi o surgimento da WEB 2.0 – a segunda geração da World Wide Web. Este termo, surgido em 2004 em uma conferência com as empresas O'Reilly Media e a MediaLive International (empresas produtoras de eventos), onde discutiam o desenvolvimento das tecnologias da informação, conceitua um maior nível de interatividade dos usuários, o que gera mais cooperação. Para O'Reilly a definição mais pertinente para WEB 2.0 é:

Web 2.0 é a rede como plataforma, abrangendo todos os dispositivos conectados. As aplicações Web 2.0 são aquelas que produzem a maioria das vantagens intrínsecas de tal plataforma: distribuem o software como um serviço de atualização contínuo que se torna melhor quanto mais pessoas o utilizam, consomem e transformam os dados de múltiplas fontes - inclusive de usuários individuais - enquanto fornecem seus próprios dados e serviços, de maneira a permitir modificações por outros usuários, criando efeitos de rede através de uma 'arquitetura participativa' e superando a metáfora de página da Web 1.0 para proporcionar ricas experiências aos usuários. (BRESSAN, apud O'REILLY, 2005,p 4).

Pode-se perceber que a WEB 2.0 oferece aos internautas a possibilidade de serem produtores voluntários de conteúdos informativos. Com essa vantagem, todos que possuem acesso à rede podem expor sua perspectiva sobre determinado assunto de forma horizontal, independente dos veículos tradicionais de comunicação.

Neste capítulo iremos analisar de que forma a internet transformou e caracterizou a sociedade civil e os movimentos sociais que surgem dentro dessa. A primeira questão a se trabalhar trata-se da democracia digital, entendida por Wilson Gomes como:

Qualquer forma de emprego de dispositivos (computadores, celulares, *smart phones*, *palmtops*, *ipads*...) aplicativos (programas) e ferramentas (fóruns, sites, redes sociais, medias sociais...) de tecnologias digitais de

comunicação para suplementar, reforçar ou corrigir aspectos das práticas políticas e sociais do Estado e dos cidadãos em benefício do teor democrático da comunidade política. (GOMES, 2011. p. 27)

Infere-se através do trecho citado acima que as ferramentas digitais, que continuam em constante transformação, estão disponíveis e podem ser utilizadas para fins específicos pela sociedade civil e pelo Estado a fim de exercerem suas funções na sociedade. Cria-se assim uma nova maneira de participar politicamente. Existem fóruns de democracia eletrônica, ambientes ideais para discutir temáticas políticas, e até mesmo sites governamentais que possuem espaço para comentários e críticas. Um exemplo é o Portal da Transparência do Governo Federal⁶, lançado em novembro de 2004, pela Controladoria Geral da União (CGU). O portal busca, por meio da promoção da transparência, assegurar uma melhor aplicação dos recursos públicos. Diante disso, o cidadão toma conhecimento de como o recurso público está sendo empregado e ajuda a evitar a corrupção. O portal também orienta o cidadão a acompanhar e fiscalizar a execução local dos programas de governo, como o Bolsa Família.

Outro exemplo seria o Portal e-Democracia⁷ desenvolvido pela Câmara dos Deputados que visa, por meio da Internet, estimular a participação da sociedade no debate de temas relevantes para o país, através de fóruns e enquetes. O slogan do site “Participação virtual, cidadania real” demonstra claramente a proposta de conexão da participação política no meio virtual.

Um fator que incentiva claramente essa problemática é a criação da Lei de Acesso à Informação⁸, em maio de 2012 com intuito de trazer mais transparência nas movimentações de órgãos públicos. Isso quer dizer que a população passou a ter acesso a informações que antes não amplamente divulgadas e agora, com a internet, podem criticar as atitudes do Estado de forma pública, utilizando as ferramentas digitais como os blogs e os espaços para comentários e publicações nas diversas mídias sociais, como o facebook, por exemplo.

⁶ Link: <http://www.transparencia.df.gov.br> – Acesso em: 02/11/2013

⁷ Link: <http://edemocracia.camara.gov.br> – Acesso em: 05/11/2013

⁸ Lei de Obriga os órgãos públicos a prestarem informações sobre suas atividades a qualquer cidadão interessado, prezando pela total transparência.

Não podemos deixar de mencionar que a participação política na internet é mútua, ou seja, a colaboração do Governo com o cidadão também existe e proporciona mais contato. Muitos órgãos públicos se adaptaram às novas formas de comunicação, que se desenvolveram junto com a tecnologia. Sendo assim, estes também se inseriram nas mídias sociais, com intenção de promover ainda mais discussão. Como exemplos, podemos citar as páginas no *Facebook* do Governo do Distrito Federal (GDF⁹) e a página do Ministério da Saúde¹⁰ que divulgam diariamente eventos, campanhas e notícias que interessem todos os brasileiros. A partir do momento em que esses órgãos fazem parte de uma rede social tão fluída, precisam se adequar ao intenso fluxo informacional e compreender a dinâmica dessa rede, participando juntamente com o cidadão – respondendo seus comentários e dúvidas, o que possibilita uma comunicação direta e com maior credibilidade.

A questão é que as mídias sociais mais comerciais da internet proporcionam também diversas formas de participação, nem sempre ligadas a contestações políticas. Sendo assim, muitas vezes mídias sociais como *twitter*, *facebok*, *youtube*, *instagram* entre outras possuem um maior fluxo social e informacional na internet sobre assuntos ligados ao lazer ou ao cotidiano dos indivíduos. É preciso esclarecer que “a mera existência da internet não leva o aumento da organização e da participação política se os usuários não têm interesse prévio nessas questões”. (MAIA, Rousiley. 2011, p 71) A partir dessa citação infere-se que para haver participação política por parte da população, seja no âmbito virtual ou não, é necessário que exista algum interesse pelo tema. Acredito que esse interesse advém de formações prévias, ou seja, de como aquele indivíduo teve um contato inicial com a política, de como ele encara o papel do Estado perante a sociedade e principalmente do quanto o sistema afeta sua própria estrutura de classe e socioeconômica. Mesmo com todas essas percepções, para esse mesmo indivíduo participar politicamente ele necessita de um senso crítico que só pode ser adquirido por meio da educação e da informação.

A educação atua como protagonista quando o critério é o desenvolvimento de

⁹Link: <https://www.facebook.com/govdf?fref=ts> – Acesso em: 04/11/2013

¹⁰ Link: <https://www.facebook.com/minsaude?fref=ts> – Acesso em: 03/11/2013

senso crítico, o que discutiremos no capítulo 2 (2.1 Organização da Informação em rede). A problemática que surge neste momento é o fato desse setor ser bastante deficitário no Brasil, o que acarreta certa carência quando se fala de participação política. Mesmo com deficiências na participação política, como observamos acima, atualmente existem diversos recursos participativos na internet como redes sociais, blogs e fóruns (exemplos acima) que alteraram o comportamento das pessoas quando se trata da busca e/ou recepção de informações. As modificações surgiram tanto para aqueles indivíduos que realmente expõem suas opiniões através de blogs, sites e/ou redes sociais – atuando de forma profissional ou não - quanto para aqueles que atuam apenas como observadores. A verdadeira questão relacionada à participação política é que, de acordo com o livro “Internet e Participação Política no Brasil” (2011), a aplicação da internet depende amplamente dos propósitos de seus usuários e do contexto social. (2011, p. 74). Essa afirmação explicita o fato de que diversos fatores como cultura, educação e classe social, relacionados às vivências de cada indivíduo influenciam nas suas tomadas de decisões, ou seja, cada pessoa só irá se posicionar e expor sua opinião na internet se o assunto for realmente relevante para ele. Esse fato acarreta um imenso impacto nas relações sociais virtuais, principalmente nas formas de participação política que, dessa forma, irão variar por meio dos valores morais e individuais.

O caráter volátil da rede faz com que interesses individuais e até mesmo coletivos apareçam e desapareçam de acordo com os interesses específicos de cada um e de maneira muito rápida, como no caso das manifestações de junho de 2013, que era o assunto mais comentado nas redes sociais em todos os veículos de comunicação nas três primeiras semanas do mês. Cerca de um mês depois do auge desses episódios, o assunto saiu do foco principal. As manifestações continuaram sendo relatadas, contudo mesmo com o constante aumento de temas durante os protestos, esses passaram a não ser mais o cerne das notícias dos veículos de comunicação.

Muitas pessoas migraram das formas de participação tradicional e se adaptaram às novas ferramentas de participação, passando a utilizar a internet como recurso produtivo de trabalho, além de exercer sua colaboração política por meio de blogs pessoais ou comentários em redes sociais, entre outros. Percebe-se que, de certa forma, a prática da falsa democracia exercida pelos representantes do povo pode, de

certa forma, gerar impulsos políticos nos cidadãos, e a internet surge nesse contexto como “uma nova infraestrutura – mais rápida e barata, com grande potencial de produção e difusão autônoma de informação e com uma gama variada de recursos para a conexão e para a ação política em escala local, nacional e transnacional.” (MAIA, Rousiley, 2011, p.47).

É preciso frisar neste capítulo que não é a internet e suas novas ferramentas de comunicação que irão promover uma participação política imediata da sociedade e/ou um fortalecimento suficiente da democracia. Todos esses fatores são influenciados por diversas variáveis ligadas ao caráter individual e colaborativo de cada indivíduo – como personalidade, vivências e experiências anteriores. Estudaremos no próximo tópico de que forma as pessoas têm se organizado para participar de maneira individual na internet, afetando coletivamente indivíduos pertencentes à mesma rede virtual.

1.2 O Jornalismo Colaborativo como ferramenta de Participação Política

O aprimoramento tecnológico e informacional possibilitou um maior acesso da população às notícias. O surgimento dos *smartphones*, *tablets*, computadores pessoais, fazem com que as pessoas fiquem conectadas constantemente, o que transforma a maneira como lidamos com a comunicação no nosso dia-a-dia, muitas vezes a partir de uma postura produtiva e não apenas receptiva. Quero dizer que se algum tema incomoda, qualquer indivíduo pode expor o motivo de seu incômodo a todos que fazem parte da mesma rede social (trabalharemos as definições deste conceito no próximo capítulo) e assim informar e tornar notícia um fato que muitas vezes passaria despercebido se apenas uma pequena quantidade de pessoas tivessem presentes ou fossem vitimadas pela mesma situação, por exemplo.

Essa nova maneira de exposição da informação está relacionada ao Jornalismo Colaborativo, ou Jornalismo Cidadão ou ainda Comunicação Colaborativa. Para conceituarmos o termo utilizarei a definição, baseada nas teorias de Dan Gillmor, trazidas por Alex Primo (2007) no artigo “Webjornalismo participativo e a produção

aberta de notícias". Assim, podemos dizer que Jornalismo Colaborativo é "aquele produzido por qualquer integrante de uma sociedade que tenha acesso a informações de interesse público e decida publicá-las, sem necessariamente ter alguma formação técnica em jornalismo". (GILLMOR *apud* PRIMO, 2007, p. 10)

Percebe-se que o jornalismo colaborativo está dotado de interação e, desta vez, a fonte é o próprio usuário. Este detém a produção de conteúdo e o controle de publicação. Atualmente, diversas mídias sociais dão espaço para cidadãos que pretendem, por meio desse tipo de construção informacional, expor situações, casos, acontecimentos, indignação e etc. Um exemplo é o *facebook* (fundado em 2004 pelo universitário Mark Zuckerberg) que conecta diversos usuários e possibilita uma rede de contatos e de informação. Essa rede social, antes limitada aos estudantes de Havard, ganhou força com o passar dos anos, e atualmente possui 1,15 bilhões de usuários, sendo que 76 milhões são brasileiros. (Fonte: Revista Folha de São Paulo; Publicado em 14/08/2013; Acesso em 06/10/2013).

No *facebook* assim como no *twitter*, *instagram* e outras redes sociais a informação é dissipada de forma rápida e informal, assim a sociedade pode usufruir desse benefício e expor suas insatisfações políticas e opiniões sobre todo e qualquer assunto. Foi possível perceber claramente nas manifestações de junho de 2013 em todo o Brasil (analisaremos este caso de forma mais profunda no capítulo 3) a força do *Facebook*. A postagem de vídeos, fotografias, relatos de indivíduos que estavam presentes nas manifestações foram cruciais para a legitimação dos movimentos.

Outra atuação de destaque no Brasil onde percebemos a presença do jornalismo colaborativo é a do Mídia Ninja ¹¹, que ganhou maior visibilidade em junho de 2013 por transmitir em tempo real grande parte dos protestos que estavam acontecendo no país. Os repórteres do grupo (jovens com ou sem formação na área de jornalismo) elaboram conteúdos - vídeos, fotos, textos - e liberam essa informação nas mídias sociais – *facebook*, *twitter*, *instagram*, *PósTV*, criando, dessa maneira, espaços públicos de interação de forma instantânea e multifacetada.

¹¹ Link: <http://twitcasting.tv/midianinja> - Acesso em: 18/10/2011

A Mídia Ninja divulga ao vivo alguns dos principais acontecimentos do país, isso é interessante, pois possibilita uma participação, ainda que observante, de pessoas que não puderam presenciar, por qualquer que seja o motivo, aquele momento. Uma característica bastante intrigante do grupo é o fato de não reproduzirem nenhum material em vídeo que seja editado, dessa forma acreditam que não vão distorcer o conteúdo e não irão favorecer algumas situações em detrimento de outras. Esses atributos são interessantes quando pensamos no jornalismo colaborativo de forma mais organizada e estratégica, já que os membros do grupo precisam identificar todos os dias os episódios mais importantes daquele momento, para assim se locomoverem para o local exato.

O grupo faz parte do coletivo Fora Do Eixo (FdE) ¹², nascido em Cuiabá no ano de 2001 e criado por estudantes de comunicação. O FdE promove diversos projetos socioculturais por todo o Brasil. Este grupo autônomo estimula a organização do grupo e a liberdade a fim de fomentar a produção criativa e conjunta dos coletivos do FdE, como por exemplo a Mídia Ninja. A estrutura do coletivo foi extremamente criticada, principalmente quando se trata do lado financeiro (pois os voluntários que ali trabalham não recebem salário, são pagos com uma moeda fictícia de troca, vivem em comunidade - dividindo a mesma casa e compartilhando bens de uso pessoal). De acordo com uma reportagem do Jornal Folha de São Paulo do dia 18 de agosto de 2013, o grupo deixou diversos débitos pelo Brasil, que foram pagos com as moedas fictícias – a garantia era que depois poderiam ser trocadas, parte por dinheiro e a outra parte seria em propaganda.

Esse comportamento acaba gerando mais críticas ao grupo, principalmente para um de seus fundadores, Pablo Capilé, que está vinculado de várias formas com pessoas extremamente representativas de partidos políticos (como em campanhas, apoiando a Marta Suplicy, por exemplo, dentre outros casos) e, ao mesmo tempo, conduz um grupo que diz ser apartidário, ou seja, que não está vinculado a nenhum partido político. Esse caráter apartidário do FdE e de diversos outros movimentos sociais foi bastante reforçado com as manifestações de junho de 2013, nas quais grande parte dos

¹²Link: <http://foradoeixo.org.br/> - Acesso em: 18/10/2013

manifestantes criticavam partidos políticos, como o da presidenta Dilma Rousseff – Partido dos Trabalhadores (PT). O desenrolar dos movimentos acabou revelando uma nova particularidade: o antipartidarismo – a rejeição por parte de alguns manifestantes de todo e qualquer outro manifestante que apoie ou represente um partido político.

Os exemplos acima podem servir como forma de representação do funcionamento do jornalismo colaborativo e de como a sociedade civil utiliza as ferramentas de compartilhamento e de postagem de conteúdo nessas redes sociais online (*instagram, twitter, tumblr* e outras) para exibir seus valores, ideologias, morais e opiniões. Essa nova relação interfere no papel dos grandes meios de comunicação, principalmente devido aos valores imediatistas da contemporaneidade. Ninguém vai esperar o final do dia para assistir ao telejornal e só aí se atualizar sobre o que está acontecendo.

As pessoas não têm mais tanta disponibilidade de parar e assistir televisão ou ouvir o rádio, elas podem simplesmente entrar nas redes sociais (até mesmo pelos *smartphones/tablets*) e observar rapidamente quais assuntos estão sendo noticiados/comentados no exato momento do acontecimento.

Outra forma observada de interferência da comunicação colaborativa nos grandes veículos se dá quando vídeos ou episódios postados na internet se tornam pauta da programação. Muitos programas televisivos possuem quadros que mostram esses vídeos famosos da internet, como o do programa Fantástico da Rede Globo - “Verdade ou mentira” - que mostra vídeos que circulam principalmente no *youtube* e um detetive virtual é responsável por dizer se esse é verdadeiro ou apenas uma montagem.

A comunicação colaborativa perpassa por diversos veículos midiáticos como vimos acima. O fluxo dessas informações de colaboração política e de outras vertentes será melhor compreendido no capítulo 2, no qual discutiremos a respeito das redes sociais e do fluxo de informação dentro destas.

2. REDES SOCIAIS E O FLUXO DE INFORMAÇÃO

Um grupo de pessoas reunidas em alguma plataforma, seja esta virtual ou não, pode ser chamado de rede social – essa está composta por um conjunto de laços sociais. Para que tenhamos uma rede social, uma das características principais é a existência de interação entre os atores que a integram e suas conexões (relacionamentos com diversos atores). Para Raquel Recuero a abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (RECUERO, 2009, p. 22).

Os atores sociais como base da estrutura dessas redes são responsáveis por “moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais.” (RECUERO, 2009, p. 23) e também por criarem sua individualidade dentro da rede. Essa individualidade surge a partir da elaboração de uma identidade própria, que pode ser utilizada para expressar elementos da personalidade ou de forma comercial. Para exemplificar utilizaremos como referência três blogs com identidades diferentes:

- Blog Supervaidosa ¹³(temática: beleza): A administradora do blog, Camila Coelho, utiliza sua imagem para divulgar informações, novidades sobre o assunto. Além disso, a blogueira responde em seus vídeos aos temas que constituem as principais tags¹⁴ que são relacionadas ao seu blog, principalmente no youtube contando às leitoras sobre sua personalidade e atividades no dia a dia. Dessa forma ela conecta o lado pessoal com o lado comercial (propaganda de produtos de beleza);
- Blog Diário do Centro do Mundo ¹⁵(temática: notícias mundiais): Blog no qual jornalistas publicam suas matérias com intuito de informar de forma clara sobre os acontecimentos do mundo inteiro. O blog assume a identidade de Diário do Centro do Mundo, de forma comercial, contudo cada personalidade/profissional que escreve no

¹³ Link do blog: <http://supervaidosa.com/> - Acesso em: 12/09/2013

¹⁴ Palavras-chave para relacionar informações semelhantes dentro da WEB 2.0. Essas palavras-chave são conhecidas como tags ou metadados – são dados usadas para classificar e organizar arquivos, páginas e outros conteúdos.

¹⁵ Link do blog: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/> Acesso em: 17/09/2013

blog assume uma matéria diferente, mas de forma geral todos estão no mesmo espaço virtual, assumindo apenas um perfil;

- Blog Dia de Beauté ¹⁶(temática: beleza): Blog da jornalista Victoria Ceridono, cujo tema é beleza. A blogueira, neste caso, assume uma identidade pessoal e comercial, pois, como trabalha para Revista Vogue, seu blog foi incorporado ao site da revista e as matérias estão sempre conectando o lado comercial com o pessoal da blogueira.

No ciberespaço é perceptível que a forma como cada indivíduo se mostra ou se posiciona faz total diferença na rede social que ele pertence. Raquel Recuero citando Judith Donath alega que:

Judith Donath (1999) sustenta que a percepção do Outro é essencial para a interação humana. Ela mostra que, no ciberespaço, pela ausência de informações que geralmente permeiam a comunicação face a face, as pessoas são julgadas e percebidas por suas palavras. Essas palavras, constituídas como expressões de alguém, legitimadas pelos grupos sociais, constroem as percepções que os indivíduos têm dos atores sociais. É preciso, assim, colocar rostos, informações que gerem individualidade e empatia, na informação geralmente anônima do ciberespaço. (RECUERO, 2009. p. 27)

Com os exemplos e citação acima se percebe como é necessário um posicionamento de cada indivíduo perante o seu perfil na internet, por isso são chamados de atores, pois precisam selecionar as características que irão apresentar naquele espaço para assim desempenhá-las. Outro ponto crucial para a permanência em uma rede social é a existência de interação e de laços sociais. Para Recuero interação é aquela ação que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares, como reflexo social. (RECUERO, 2009, p. 31).

O conjunto de interações sociais, com o tempo, aliado à criação de padrões e conexões, gera laços sociais. Estes possuem várias características, dependem de como foram estruturados e de que forma estão se consolidando. Para Wellman, a definição de laços sociais é:

Laços consistem em uma ou mais relações específicas, tais como proximidade, contato frequente, fluxos de informação, conflito ou suporte emocional. A interconexão destes laços canaliza recursos para localizações específicas na estrutura dos sistemas sociais. Os padrões destas relações – a estrutura da rede social – organiza os sistemas de

¹⁶ Link do blog: <http://revista.vogue.globo.com/diadebeaute/>

troca, controle, dependência, cooperação e conflito. (Wellman *apud* RECUERO, 2001, p.7)

Pode-se perceber que os laços sociais são frutos das interações e que dependem delas para existir. Recuero explica que “quanto maior o número de laços, maior a densidade da rede, pois mais conectados estão os indivíduos que fazem parte dela”. (RECUERO, 2009 p. 43). Na tabela 1 abaixo, elaborada com base nos conceitos de laços sociais trabalhados por Raquel (2009, p.30), temos diferentes tipos de laços sociais e suas explicações de forma resumida.

Tabela 1 - Laços Sociais	
Laços Fortes	Combinação de quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade (confiança mútua) e serviços recíprocos que caracterizam um laço;
Laços Fracos	Relações esparsas que não traduzem proximidade e intimidade – trocas mais difusas;
Laços Relacionais	Constituídos através de relações sociais. Apenas podem acontecer por meio da interação entre vários atores de uma rede social;
Laços de Associação	Sentimento de pertencimento a um determinado local, instituição ou grupo;
Laços Multiplexos	Formados através de diversos tipos de relações sociais. Refletem interações que acontecem em diversos espaços e tempo;
Laços Dialógicos	Composto por interações mutuas (assimétricas ou simétricas), onde existe troca de mensagens e fluxo de informação.

Fonte: reprodução

A presença desses laços nas relações é fundamental, pois, além de gerar integração entre aqueles indivíduos, trabalha um conceito muito importante, que é a legitimidade. Diversos autores passaram pelo conceito de legitimidade, como, Max Weber e Habermas. No entanto, neste trabalho, utilizamos as teorias de Luhman (1980) para defini-la, pois se encaixam mais no objeto e propósito deste. Para o autor podemos descrever legitimidade como “uma disposição generalizada para aceitar decisões de conteúdo ainda não definido, dentro de certos limites de tolerância.” (LUHMANN, 1980, p. 30). Sendo assim, de acordo com esse trecho, pode-se dizer que um conteúdo ou informação só é legítimo quando é aceito – positiva ou negativamente – pelos demais indivíduos. Ser aceito entra no sentido de ser levado em consideração, ser validado. Luhmann acredita que nenhum sistema político pode se apropriar do consenso de

legitimação por si só, para o autor o sistema “*antes deve alcançar um consenso maior para permitir um domínio duradouro*. (1980, p. 29-30)”.

É importante perceber como o poder de legitimar ou não um assunto é inerente ao indivíduo, são suas particularidades que vão filtrar o que é relevante em detrimento do que não é. Por isso, Luhmann enfatiza a questão de um consenso maior, no qual um maior número de indivíduos estejam de acordo com o que entrará em vigor.

É evidente que a existência de laços sociais na análise de validação de qualquer conteúdo aumentará a possibilidade da legitimação deste. Pode-se afirmar isto, principalmente em casos onde o laço é considerado forte ou associativo, pois o grau de confiança e intimidade na fonte será tão grande que a informação dissipada será legitimada pelos receptores daquela mensagem. Para exemplificar como ocorre a legitimação de uma informação por meio de um veículo de comunicação, trago uma análise feita da Revista Veja, Edição Histórica 2327, publicada no dia 26 de junho de 2013. Uma matéria especial a respeito das manifestações foi publicada, contando os principais acontecimentos. A reportagem de 8 páginas, possui 41 comentários (inseridos nas notas de rodapé das páginas) de manifestantes que respondem a seguinte pergunta: Fome de Quê? – o intuito era saber os motivos que levaram essas pessoas às ruas e o porquê de continuarem protestando. Dois comentários que me chamaram atenção foram:

- Frederico Ferreira, Estudante, 20 anos. Brasília: “*Acordamos para exigir mais, e cada vez mais, dos nossos governantes*,”;
- Irene Alcaraz, Aposentada, 83 anos, Rio de Janeiro: “*Eu me sentiria uma covarde se deixasse essa moçada vir batalhar sozinha na rua. Enquanto eles vierem, eu também virei*.”.

Os comentários acima foram inseridos nesta monografia, pois apresentam dois perfis totalmente diferentes e que estão nas manifestações com a mesma sede de luta. Nessa reportagem, a contribuição dos manifestantes acontece de forma bastante direta, pois apresenta fotos destes nas manifestações e o comentário do próprio integrante. Essas características legitimam, de certa forma, os movimentos e consequentemente a publicação da revista. Essa legitimação se transforma em um convite àqueles que ainda

não participaram, mas que se identificam com o que está sendo dito pelos manifestantes da matéria. Dentro das redes sociais, esses relatos, depoimentos e fotografias foram cruciais para gerar credibilidade ao que estava sendo postado, principalmente quando levamos em consideração, novamente, os tipos de laços sociais, que conectam as relações em rede.

Para compreender como ocorre essa construção da legitimação da informação é preciso entender as ferramentas que compõem uma rede social, como interações e laços sociais. Com base nessas ferramentas, discutidas previamente neste trabalho, podemos expor uma de suas características mais importantes, que é o fato de uma rede social ser extremamente dinâmica e dependente de seus atores. De acordo com Recuero (2009) podemos classificar as redes sociais estudadas nesta monografia como redes emergentes, pois a autora explicita que esta é “caracterizada pela construção do grupo através da interação [...] dizemos que uma rede social é emergente porque ela é constantemente construída e reconstruída através das trocas sociais” (RECUERO, 2009, p.94). No caso do Facebook, principal rede social estudada neste trabalho, observa-se a total interação entre os usuários, principalmente, por tratar com uma produção constante de conteúdo, constituído por postagem de fotografias, textos, vídeos e qualquer outra forma de comunicação.

Devido a esse caráter mutável e coletivo é que podemos perceber como uma informação legitimada e com credibilidade é mais valorosa dentro dessas redes, pois atinge os receptores e os fazem refletir acerca do tema, e de acordo com seus valores individuais irão criar opiniões e compartilhar a informação.

O fluxo gigante de informação dentro das redes atrapalha a averiguação do que é mais crível e coerente, por isso a importância das interações e dos laços sociais na distinção do que é interessante em detrimento do que não é tão relevante. Outro fator que interfere nessa questão da distinção é a forma como essa informação está sendo veiculada e como ela se organiza diante dos inúmeros meios de comunicação. No tópico a seguir entenderemos melhor essa composição.

2.1 A organização da informação em rede

Antes de uma informação entrar em qualquer tipo de rede ela é estudada pela fonte que irá inseri-la. Pode-se dizer que para que uma informação entre nos meios de comunicação tradicionais todas as suas características são avaliadas, isso quer dizer, todos os valores, influências e posicionamentos que essa informação pode gerar para o público alvo que terá acesso a ela. Para compreender melhor essa afirmação, retomemos a teoria da *Agenda Setting* ou Teoria do Agendamento, formulada por Donald Shaw e Maxwell McCombs nos anos 70. De acordo com essa teoria, a mídia é responsável por determinar sobre o que a opinião pública irá falar/pensar, ou seja, a pauta é selecionada pela mídia que visa destacar algum tema em detrimento de outros, conciliando as informações com os valores que são politicamente favoráveis e que querem agregar à sociedade. Shaw afirma que:

Em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público é ciente ou ignora, dá atenção ou descuida, enfatiza ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas tendem a incluir ou excluir dos próprios conhecimentos o que a mídia inclui ou exclui próprio conteúdo. (Wolf apud Shaw 1979, p. 143)

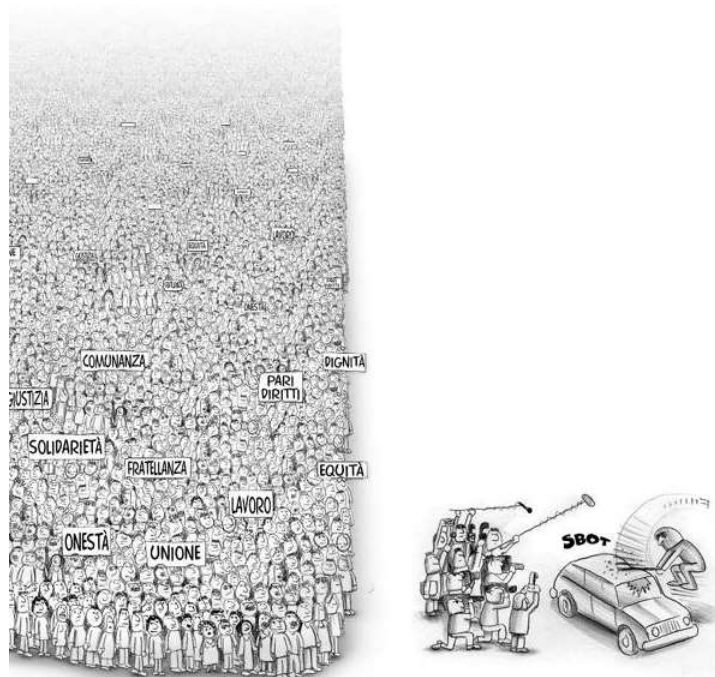
A *Agenda Setting* diz muito a respeito de quais informações entram na rede. É claro que podemos criticar esse comportamento midiático, que atualmente está sendo transformado pela emergência de certos comportamentos nas redes sociais, comportamentos estes onde o próprio público gera a informação, como é o caso com o jornalismo colaborativo, sobre o qual discorreremos no capítulo 1.

Nas manifestações de junho de 2013 no Brasil foi perceptível verificar a tentativa de emplacar a tradicional dinâmica da teoria da *Agenda Setting* na mídia. Com a eclosão das manifestações, os principais meios de comunicação, profundamente surpreendidos com a magnitude dos eventos e com as reações calorosas dos manifestantes, focaram toda a pauta na violência propiciada por pequena parte do grupo. A charge reproduzida por Plínio de Arruda Sampaio¹⁷, intelectual e ativista político brasileiro, ilustra esse

¹⁷ A charge é obra de Marco Marilungo, estilista italiano que possui tendência para trabalhar com caricaturas e sátiras. Seus cartoons e demais obras ganharam visibilidade internacionalmente. Site do artista: <http://www.marilungo.com>

comportamento midiático. Confira figura 2 abaixo:

Figura 2: 16 ottobre 2011 - Manifestazione degli Indignati a Roma. Azioni teppistiche dei Black Block.



Fonte: www.viomundo.com.br – A polêmica sobre as manifestações do Passe Livre. 12 de junho de 2013

A charge é de origem italiana e foi criada por Marco Marilungo. O artista faz uma crítica à atuação da mídia italiana em evento onde ocorria atuação de *black blocs* (grupo que estudaremos adiante). Não muito diferente, no Brasil foi possível observar o mesmo comportamento midiático. Essa atitude dos veículos de comunicação foi extremamente tendenciosa (focar todas as informações na violência), tendo em vista que as manifestações tinham uma vasta magnitude de temas, os quais poderiam ter sido abordados pela mídia. Entraremos mais a fundo sobre as manifestações e as reações midiáticas no capítulo 3.

O fato é que mesmo com a ordem do dia definida (sendo ordem do dia os temas, problemas presentes na agenda da mídia) a hierarquia das temáticas é fundamental

Tradução para: 16 outubro de 2011 - Manifestação na Indignado em Roma. Ações Hooligan do Black Bloc.

para estimular na população o que deve ser debatido e refletido por ela. Essa hierarquização é facilmente percebida ao analisar os grandes veículos de comunicação. Quando um tema é extremamente debatido e enfatizado as pessoas passam a pensar/comentar mais sobre ele, mesmo que anteriormente não possuíssem conexão ou interesse pelo tema, dessa forma ele está inserido na rede. Mauro Wolf afirma que “quanto mais as pessoas são expostas a um determinado argumento, mais aumenta seu interesse e, na medida em que este aumenta, mais as pessoas se sentem motivadas para saber mais a seu respeito.” (WOLF,2008, p. 21).

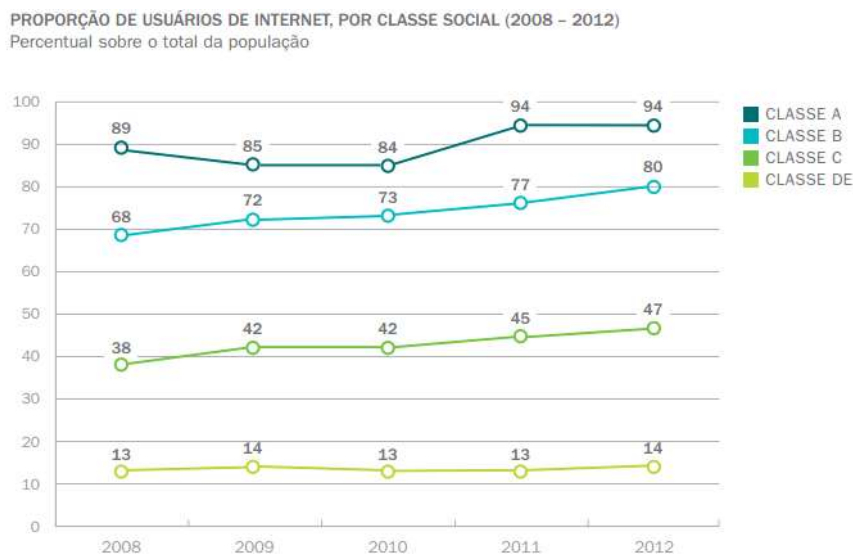
Essa exposição da sociedade aos veículos de comunicação é um tanto quanto preocupante, principalmente quando pensamos que o Brasil é um país onde nem todos têm acesso a um nível de escolaridade que possibilita um olhar mais crítico perante aquilo que estão assistindo. É o que confirma Pierre Bourdieu em seu livro “A Reprodução” (1970, p.56): “Não há democracia efetiva sem um verdadeiro poder crítico.”

De acordo com dados do Censo 2010 divulgados em dezembro de 2012 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 49,25% da população brasileira com 25 anos ou mais não possui ensino fundamental completo. Esse percentual representa um número de 54,5 milhões de brasileiros. É possível identificar na pesquisa um percentual de 35,8% de pessoas que concluíram o ensino médio e deste valor apenas 11,26% têm ensino superior completo. Esses dados corroboram o fato de que grande parte da população brasileira não tem bases fundamentais pra construir um senso crítico mais apurado, para avaliar e se posicionar diante do imenso fluxo de informação que é veiculado nas mídias, o que causa certa imprecisão, já que existem inúmeras contradições nas informações, principalmente quando se trata de temáticas políticas – onde cada veículo dá um viés segundo seus interesses. Diante dessas situações, a democracia, que é inerente à cidadania, entra em contradição, o que acaba gerando certa crise de legitimidade nas ações do Estado, que por não proporcionar igualdade de acesso ao sistema educacional perde a confiança da população, principalmente dos mais afetados pelo sistema ineficiente. .

Apesar das dificuldades enfrentadas por muitos brasileiros em relação ao acesso à educação e a informações menos polarizadas, o número de usuários na internet tem

aumentado consideravelmente. Esse aumento indica que mais pessoas possuem alcance a novas fontes de informação, como blogs, sites de notícias, fóruns e redes sociais. O gráfico número um abaixo, apresenta dados a respeito da proporção de usuários de internet por classe social, dados divulgados na oitava edição do levantamento “Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) Domicílios”¹⁸ no ano de 2012.

Gráfico 1:



Fonte: TIC – Domicílios e Empresas

No geral, observa-se uma tendência de aumento de usuários de internet em todas as classes sociais desde 2008, principalmente da classe B (aumento de 12%) nos últimos quatro anos. Essa dinâmica acontece devido ao maior poder econômico da sociedade e da ascendência da população na pirâmide de classes, o que permite um maior e mais fácil acesso das pessoas à Internet e, conseqüentemente, a uma informação mais direta.

Ao mesmo tempo, o fluxo de informações aumenta consideravelmente, e cabe ao indivíduo receptor internaliza-las, compreende-las e em seguida externalizar sua opinião acerca daquelas que não são legítimas ou que não estão de acordo com seus princípios. Por isso a importância de se construir um senso crítico individual.

¹⁸ Link de acesso a pesquisa: <http://cetic.br/publicacoes/2012/tic-domicilios-2012.pdf>

Com as dinâmicas do jornalismo colaborativo e as possibilidades de externar cada vez mais as opiniões individuais, podemos perceber que dentro das redes sociais virtuais quem cria as agendas (Teoria do Agendamento) não é mais a grande mídia, mas sim os próprios integrantes daquele grupo, que por meio de sua participação promovem novos temas e diferentes abordagens sobre estes. Diante disso, a informação que tem mais credibilidade – de acordo com a confiabilidade e reciprocidade daquela fonte e dos laços sociais existentes com o receptor – entrará de forma concreta na ordem do dia daquele indivíduo e de sua rede, pois essa possuirá um valor maior do que as outras. Esse valor, como veremos no próximo tópico, depende basicamente das interações existentes dentro de redes sociais, sejam elas virtuais ou não.

2.2 O capital social dentro das redes sociais

A informação que circula dentro das redes sociais é composta por diversos fatores já mencionados neste trabalho como os laços sociais, as interações e as novas formas de lidar com as inovações tecnológicas. Outro aspecto que será estudado a respeito das redes sociais é a presença do Capital Social nelas.

O Capital Social é um indicativo de que há existência de conexão entre indivíduos pertencentes a uma mesma rede social, este capital social refere-se a uma valoração construída por meio das interações dos atores sociais. Sem esse valor, que é agregado às comunidades, não é possível que essas cresçam e se desenvolvam. Ao analisar as diversas teorias sobre o tema, trabalharemos aqui em cima dos conceitos de dois autores, o sociólogo francês Pierre Bourdieu e do cientista político Robert Puttman, por se adequarem melhor as temáticas abordadas nesta monografia.

Para Puttman o capital social refere-se ao vínculo entre indivíduos – as redes sociais e patamares de reciprocidade e confiança que surgem dela. Pode-se inferir deste que o capital social está veemente associado aos valores morais e cívicos dos integrantes de uma comunidade e que ocorre um fortalecimento desses valores por meio das relações, especialmente quando essas são recíprocas. Para Raquel Recuero

existem:

Dois aspectos essenciais para construção do valor social: o individual e o coletivo. O aspecto individual vem dos interesses dos indivíduos em fazer parte de uma rede social para seu próprio benefício. O aspecto coletivo vem do fato de que o capital social individual reflete-se amplamente na esfera coletiva do grupo, sejam eles como custos ou benefícios. (RECUERO, Raquel. p. 45)

A citação acima define muito bem os dois lados dos valores que são agregados nas redes sociais. O valor individual (o ator social criado por cada indivíduo que expõe apenas o que é conveniente para si) e o valor coletivo que com a constante movimentação dos valores individuais nas redes – comentários, compartilhamentos, discussões coletivas e postagens – constrói valores públicos e em incessante transformação. Essas características são fundamentais para o entendimento de como é concebida uma informação dentro de uma rede.

A teoria de Bourdieu acerca do capital social também circunda o lado individual, que se relaciona com o sentimento de pertencimento a certo grupo – e as relações existentes dentro deste –, ou seja, os laços associativos. Além disso, o autor transforma o capital social em capital simbólico a partir do momento em que insere em sua teoria as classes sociais, de modo que os atores sociais criam um reconhecimento daquele grupo e dos participantes deste. Recuero explicita que “o capital social em Bourdieu é diretamente relacionado com os interesses individuais, no sentido de que provém de relações sociais que dão a determinado ator determinadas vantagens” (RECUERO. 2009. p. 47).

Podemos relacionar o valor agregado pelo capital social/simbólico nas redes sociais com a questão da legitimidade desenvolvida no item anterior. Esse valor proeminente das relações e da consolidação de laços sociais permite que uma informação veiculada seja mais legítima e íntegra para alguns participantes do grupo. Todo esse relacionamento advém do valor que foi direcionado à reciprocidade entre participantes de uma mesma comunidade e também da credibilidade, construída ao longo do tempo.

Um exemplo de capital social dentro das redes foi percebido quando, no papel de observadora participante, durante as manifestações de junho, notei que muitas pessoas

postavam depoimentos, vídeos e imagens com intuito de convidar mais manifestantes. Na maioria das vezes os vídeos eram compartilhados por pessoas que já possuem uma relação com a fonte de informação, e por essa prévia existência do laço social (seja ele qual for) esse post possuía um capital social tão relevante que propiciava comentários, compartilhamentos e até mesmo a integração de mais pessoas ao movimento no espaço online e consequentemente no offline.

Isso se constrói devido à credibilidade de algumas pessoas nessas redes, indivíduos que conseguem expor suas opiniões de maneira a incentivar e direcionar os demais. No item 2.3 discutiremos o papel dessas pessoas, mais conhecidos como líderes de opinião, nas redes sociais.

2.3 O papel dos líderes de opinião nas redes sociais

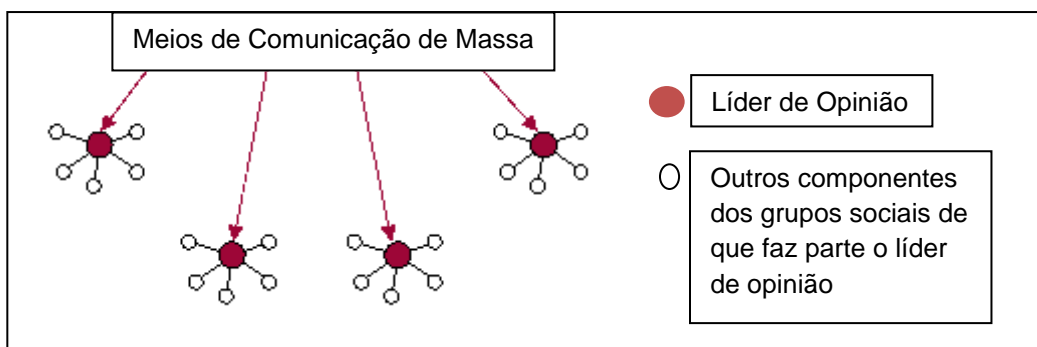
Diante todo o entendimento acerca das características de uma rede social, iremos, neste ponto, adentrar em um perfil fundamental desempenhado por alguns atores sociais: os líderes de opinião. De acordo com Mauro Wolf “os líderes de opinião constituem o setor da população – transversal quanto à estratificação socioeconômica – mais ativo na participação política e mais decidido no processo de formação de opiniões de votos.” (WOLF, 2008. p 38). Devemos deixar claro neste tópico que a influência desses e nesses atores dependem profundamente do meio social em que estão inseridos, ou seja, das características do sistema em que se encontram e dos seus valores e princípios morais que foram desenvolvidos durante as experiências vividas. Por isso, é necessário compreender que “as mensagens da mídia contêm características particulares do estímulo, que interagem de maneira diferente com os traços específicos da personalidade dos membros que compõem o público.” (DE FLEUR, 1970 *apud* WOLF, 2008, p. 18).

De maneira geral observa-se a incidência da utilização do termo “líderes de opinião” em grandes meios de comunicação, empresas e diversas organizações. A percepção de que existem alguns indivíduos que possuem ascendência em relação a

outros na formação de opinião ou no poder de difusão de uma informação é notório. Percebe-se também que esses verdadeiros influenciadores se encontram de diversas formas na sociedade – seja nos veículos de comunicação (são jornalistas, editores, blogueiros, trabalham em rádios) seja fora deles em sindicatos, associações, grupos comunitários entre outros. O termo incorporado pode ser representado não apenas por indivíduos em sua singularidade, mas também pode ser atribuído a um grupo de indivíduos que se organizam a fim de colocar em discussão/pauta uma ideia previamente elaborada.

Esses líderes exercem função de mediadores no processo de comunicação, conectam os meios de comunicação a indivíduos que não possuem tanto interesse em determinado assunto e dessa forma fazem com que esses criem uma opinião a respeito do que está sendo pautado. Uma segunda maneira de compartilhamento de informação é desenvolvida com esses mediadores, de acordo com as teorias de comunicação de massa, podemos chamar este modelo de fluxo da comunicação em dois níveis (*two-step flow of communication*). O modelo é representado pela figura 3 abaixo, criado por Katz e Lazarsfeld em 1955.

Figura 3:



Fonte: Reprodução. (WOLF, 2008, p.39)

Ao analisar a representação proposta, podemos perceber que o papel desempenhado pelos líderes de opinião, como interceptores da mensagem, é fundamental na recepção geral desta. Cada líder transmite a mensagem para o seu círculo, assim como acontece no facebook, por exemplo. As postagens de um usuário só chegam a outro se estes estiverem em contato prévio (pelo menos uma solicitação de amizade).

O fator interessante dessa teoria é o fato de que mesmo sendo de 1955 ela ainda se enquadra nos modelos de comunicação da atualidade. Claro que o contexto mudou e as ferramentas também, contudo esta dinâmica ainda é válida e precisava ser abordada neste trabalho. De qualquer forma, não podemos esquecer que não é apenas através dos líderes de opinião que uma mensagem chega ao restante do grupo. Como afirma Mauro Wolf:

O líder de opinião e o fluxo de comunicação em dois níveis são, portanto, apenas uma modalidade específica de um fenômeno de ordem geral: na dinâmica que produz a formação da opinião pública – dinâmica que participam também os meios de comunicação de massa -, o resultado global não poder ser atribuído aos indivíduos considerados isoladamente, mas deriva da rede de interações que une as pessoas umas às outras. (WOLF, Mauro. 2008 p 40)

Toda mensagem para ser decodificada por um grupo, depende constantemente das relações e/ou interações existentes neste. Essas interações funcionam de forma mais consolidada quando são recíprocas, ou seja, quando existe uma resposta àquele estímulo dado, o que de certa forma, fortalece opiniões indefinidas e até mesmo provoca interesses não existentes previamente.

No próximo capítulo discutiremos o objeto desta pesquisa, relacionando-o com todas as abordagens teóricas estudadas nesta monografia.

3. COMPREENDENDO AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 NO BRASIL

Em junho de 2013 foi inevitável que os brasileiros e pessoas de outros países que possuem acesso a qualquer tipo de veículo informacional não soubessem das inúmeras manifestações que estavam acontecendo no Brasil. Devido à alta velocidade em que se propagaram, pelo conjunto de pessoas que reuniram e principalmente pela diversidade de temas e problemáticas que foram levantadas pelos manifestantes, os movimentos se tornaram um dos grandes acontecimentos do ano de 2013 e certamente marcaram a história do Brasil.

O contexto em que o país se encontrava foi bastante propício para que indivíduos que não estavam tão engajados em lutas urbanas se comovessem e decidissem ir as ruas protestar. Ao mencionar o contexto em que o Brasil estava, é preciso deixar claro que além das ameaças, na cidade de São Paulo, de aumento de R\$ 0.20 nas passagens de ônibus, a semana em que as manifestações surgiram era a mesma que inauguraria a Copa das Confederações no Brasil, sendo a abertura e primeiro jogo no dia 15 de junho de 2013 (sábado). Esse cenário de insatisfações surgiu principalmente pelo fato de que as tarifas de ônibus sofrem aumento com bastante frequência e não proporcionam um transporte de qualidade aos usuários - demanda antiga não só na cidade de São Paulo, mas em todo o Brasil. O fortalecimento dessas manifestações foi o estopim para que as insatisfações a respeito dos excessivos gastos com a Copa das Confederações e as dificuldades econômicas e sociais enfrentadas por nossa população eclodissem. Carlos Vainer explicita no trecho abaixo alguns fatores que contribuíram para o início dos chamados megaprotestos:

Megaeventos, meganegócios, megaprotestos. Não há como não reconhecer a conexão estreita entre os protestos em curso e o contexto propiciado pelos intensos e maciços investimentos urbanos associados à Copa da Mundo de 2014 e, no caso do Rio de Janeiro, também aos Jogos olímpicos de 2016. (VAINER, Carlos. Cidades Rebeldes, p. 37)

Não podemos determinar exatamente um início e um fim para essas manifestações, tendo em vista que há muito tempo grupos mais engajados politicamente a diversas causas vão as ruas protestar, mesmo com pouca repercussão e/ou número de participantes. Um exemplo disto é o Movimento do Passe Livre (MPL) que luta desde

2004 – quando foi oficialmente criado no Fórum Mundial Social - a favor da adoção da Tarifa Zero para o transporte público. As principais lutas que de certa forma tinham participantes do movimento, ficaram conhecidas como Revolta do Buzú, em 2003 na cidade de Salvador e Revolta da Catraca em Florianópolis no ano de 2004 – ambas contra o aumento da tarifa de ônibus urbanos, sendo que esta última durou vários dias e chegou a fechar pontes de acesso à cidade.

Neste trabalho iremos apontar as datas mais relevantes e acontecimentos mais marcantes no mês de junho. Diante de todo o contexto apontado anteriormente, no dia 02 de junho de 2013 as passagens em São Paulo sofreram efetivamente um aumento de R\$ 0.20 (passaram de R\$ 3,00 para R\$ 3,20). O Movimento do Passe Livre (MPL), que desde o seu início deixa claro não possuir líderes oficiais e funcionar de forma horizontal na organização das passeatas, iniciou as manifestações contra o acréscimo das passagens mediante protestos nos dias 6, 7 e 8 de junho. Essas três manifestações deram corpo às manifestações seguintes. Um fator importante que foi frisado pelos integrantes do movimento é que ninguém estava nas ruas lutando apenas contra o aumento de R\$ 0.20, mas sim pela falta de infraestrutura no sistema de transporte que, mesmo sendo pago (por altas tarifas), continua em péssimas condições de uso.

No dia 13 de junho os protestos, principalmente em São Paulo, foram marcados pela repressão policial. Muitos manifestantes foram detidos por portarem vinagre (substância legalmente permitida e que pode ser utilizada como meio de proteção ao gás lacrimogêneo e *spray* de pimenta). Isso gerou imensa repercussão nacional. Um acontecimento extremamente marcante foi o da repórter da TV Folha, Giuliana Vallone, a qual levou um tiro de bala de borracha no olho durante a manifestação contra o aumento de tarifa do transporte público. A Folha de São Paulo publicou um depoimento da repórter na TV Folha no canal Cultura, no dia 14 de junho, no qual ela afirma que viu o policial apontando a arma para ela¹⁹.

¹⁹ Link para reportagem: <http://www.youtube.com/watch?v=1OPAbkZKBWY> Acesso em: 15/10/2013;

Trecho do depoimento da Giuliana Vallone: “*eu vi ele mirando em mim, mas eu jamais achei que ele fosse atirar. Já tinham mirado em mim outras vezes naquela noite, ninguém tinha atirado. Você não imagina que um cara fardado, com uma arma vai atirar na sua cara, eu não achei que ele fosse atirar*”.

Os depoimentos da repórter nas redes sociais, blogs e toda a repercussão geraram um abalo nacional. As pessoas passaram a utilizar as novas mídias como forma de expor suas opiniões a respeito do assunto e também de outros fatos que presenciaram. Neste ponto percebemos a presença do jornalismo colaborativo, tópico desenvolvido no capítulo 1. As imagens, relatos, vídeos amadores serviram de forma a convocar os grupos de determinadas redes sociais a irem às ruas. A *hashtag* #VEMPRARUA se tornou palavra chave no *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*. Acredita-se que esta surgiu por conta de uma campanha da marca FIAT lançada em maio de 2013, na qual uma paródia personalizada convida todos os brasileiros a irem às ruas, pois elas são a maior arquibancada do Brasil (referindo-se a Copa das Confederações). No entanto os manifestantes adaptaram a campanha de forma a criticar a Copa e aclamar as manifestações. Essa adaptação do slogan da campanha foi bastante interessante, pois perceber-se a participação da publicidade na construção de referências para população.

No dia 14 de junho de 2013, em Brasília, tivemos um protesto marcante, no qual cerca de 400 manifestantes (estimativa feita pela polícia militar em reportagem no Portal G1²⁰) tacaram fogo em pneus no eixo Monumental e com diversas placas contestavam os gastos do governo com a Copa das Confederações. A enorme movimentação, principalmente nas redes sociais, alertou o governo que já estava se preparando militarmente contra a ação dos manifestantes no dia seguinte. Sendo assim, no dia 15 de junho – abertura da Copa das Confederações – as manifestações já haviam tomado conta de diversas cidades no Brasil, cerca de 2.500 manifestantes foram às ruas em Brasília (de acordo com a polícia militar na mesma reportagem do portal G1). Neste mesmo dia houve confronto entre a polícia e os manifestantes, com balas de borracha e spray de pimenta. Os policiais tentaram dispensar o grupo para que não invadissem o estádio. O Brasil estava em crise, duas pautas extremamente opostas estavam nas grandes mídias:

1. A Copa das Confederações – a abertura, os jogos e todas as alegrias que

²⁰ Link para reportagem:

<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/06/grupo-queima-pneus-e-fecha-em-frente-ao-estadio-de-brasil-ja.html> - Acesso em: 13/09/2013.

o evento traria para o Brasil;

2. As manifestações – a ação dos manifestantes, as indignações de todas as partes e a imagem que esses eventos causariam para o Brasil em pleno momento em que estava sediando a Copa;

Um episódio extremamente inesperado para todos os brasileiros e acredita-se que principalmente para a presidenta Dilma Rouseff, foi quando em plena abertura da Copa das Confederações, no novo Estádio Nacional, a presidenta foi vaiada pela plateia que estava ali para assistir o jogo – Brasil vs Japão - também adeptos aos protestos (com cartazes e faixas polêmicas). A repercussão foi enorme, todos os jornais e programas televisivos relataram o fato. Até mesmo o presidente da FIFA, Joseph S. Blatter, que estava ao lado da presidenta no exato momento, se queixou perguntando aos brasileiros “onde estava a educação e o respeito”.

O fato é que alguns se posicionaram contra e outros a favor da reação do público em plena abertura da Copa. Acredito que se o país estava todo em protesto, por que não expor as insatisfações em um momento em que os olhos do mundo estariam nos vendo? Dessa forma, chamaríamos mais atenção do que se nos manifestássemos de forma extremamente pacífica em frente a determinado órgão público, como enfatiza a grande mídia. Talvez as vaias não representassem, de forma efetiva, a completa desaprovação ou desrespeito do público à presidenta, mas sim, de maneira simbólica, ao sistema que estamos inseridos (gerido por ela) – sistema de baixa qualidade da educação, transporte, saúde e pouco acesso a recursos que possibilitam melhoria nas condições de vida da população.

Em relação à Copa das Confederações, foi colocado pelos manifestantes que a população não é contra a Copa em si, mas sim contra os gastos superfaturados na recepção dessa por um país onde milhares de pessoas morrem de fome, não possuem moradia nem transporte público de qualidade. Esses foram, inicialmente, os principais apontamentos observados nas manifestações.

O site *causabrasil* ²¹ é uma plataforma criada pela agência de comunicação

²¹ Link: <http://www.causabrasil.com.br/> - Acesso em: 02/11/2013

W3haus em parceria com a Seekr²², que monitora as reivindicações dos protestos em todo o país através das redes sociais. A cada hora esta é atualizada pelas milhares de menções no *facebook*, *twitter*, *instagram*, *youtube* e *google+*. Por meio do conteúdo das postagens que contenham ao menos uma das principais *hashtags* ligadas às manifestações, as causas são identificadas. A ferramenta é responsável por classificar e unir a voz dos manifestos de forma interpretativa. Através deste instrumento é possível visualizar a expansão temática das manifestações, perceber como elas inicialmente estavam focadas na questão das passagens, mas que, com o passar dos dias, diversos outros temas foram agregados à luta. Na figura 4 abaixo, está a plataforma do site causabrasil:

Figura 4:



Fonte: Site do causabrasil – www.causabrasil.com.br

Quando selecionamos no site os dias 16/06 a 17/06 obtemos o seguinte resultado:

- Em primeiro lugar temos **27,66%** das menções falando sobre o preço das passagens;

²² Grupo que promove gestão e monitoramento de marcas em Mídias Sociais. – Site: <http://seekr.com.br/>

- Em segundo lugar temos **15,44%** das menções falando a respeito da democracia.

Mais adiante entre os dias 20/06 e 21/06 os dados mudam completamente. O preço das passagens já não está mais em primeiro lugar, fica com uma porcentagem de 8,64% das menções, enquanto temos em primeiro lugar menções que tratam sobre segurança – 9,67%. Surgem mais temas, e o total percentual de cada tema se dilui. Diante de todas as temáticas apresentadas, as principais foram: saúde, moradia, qualidade do transporte público, governo Dilma Rouseff, PEC 37, Marco Feliciano, gastos das obras da copa, educação e papel dos partidos políticos.

O dia 17 de junho foi um dos dias mais marcantes das manifestações. As principais cidades brasileiras como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Salvador e outras, estavam em protesto. Cerca de 250 mil manifestantes (segundo reportagem do portal G1²³) estavam nas ruas reivindicando seus direitos e causas. Em Brasília uma cena extremamente marcante fez parte da manifestação, centenas de participantes invadiram a marquise do Congresso Nacional. Como podemos averiguar nas imagens abaixo:



Fonte: Arquivo pessoal

²³ Link: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-reunem-mais-de-250-mil-pessoas.html>
Acesso em: 07/11/2013



Fonte: Arquivo pessoal

Essas imagens protagonizadas pela população brasileira mostraram a todos que algo novo estava ocorrendo. As agressões da polícia contra jornalistas, estudantes e jovens de todas as classes sociais (inclusive a elite) causaram indignação em grande parte da população, alguns normalmente contra a militância política. Realmente esses atos significaram muito, tanto é que no dia 20 de junho tem-se uma consolidação da participação popular (cerca de 1,25 milhões de manifestantes por todo o Brasil, segundo matéria do Portal G1²⁴, participaram de protestos em diversas cidades do país). As manifestações deste dia foram marcadas especialmente pela depredação do patrimônio público e privado. Manifestantes denominados *black blocs* foram os responsáveis por essa caracterização das manifestações. Em Brasília, o Palácio do Itamaraty foi invadido, apedrejado, teve janelas quebradas, incendiadas, e claro, muita repressão policial.

Os *black blocs* assim como o MPL não eram novidades no país. Contudo, somente com essas mobilizações ganharam maior visibilidade e se tornaram um dos protagonistas durante o mês de junho. O bloco negro (tradução para *black bloc*) é um

²⁴ Link:

<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-tem-125-milhao-de-pessoas-um-morto-e-confrontos.html> – Acesso em: 08/11/2013

movimento nascido na Alemanha nos anos 80, em meio ao movimento autonomista²⁵. Durante uma manifestação no dia primeiro de maio de 1980, em Frankfurt, um grupo de militantes autonomistas desfilou com trajes pretos e com os rostos cobertos, utilizaram equipamentos, como capacetes, para se protegerem da repressão policial. A tática utilizada se difundiu e em 1999 um grupo se manifestou contra a Organização Mundial do Comércio (OMC) em Seattle – Estados Unidos. Esta ação saiu em jornais de todo o mundo, o que despertou a atenção de pessoas que não conheciam a tática utilizada por esses grupos contra os símbolos do capitalismo. No Brasil a primeira ação reconhecida por *Black Blocs* foi em 2000 no Dia de Ação Global contra a reunião do Fundo Monetário Internacional (FMI) que acontecia em Praga. Segundo Bruno Fiuza em matéria para o site viomundo²⁶:

Neste dia, em São Paulo, um grupo de manifestantes atacou o prédio da Bovespa, o que gerou confronto entre policiais e ativistas. Na época, o incidente não ganhou destaque na imprensa e o termo “black bloc” não foi mencionado, mas a lógica da ação desses militantes, em sua maioria ligados ao movimento anarcopunk de São Paulo, seguia a lógica da tática black bloc. (A origem da tática que causa polêmica na esquerda)

As ações dos black blocs nas manifestações de junho de 2013 foram muito polêmicas, a tática caracterizada como “vandalismo”, se tornou o foco da mídia – analisaremos adiante a atuação da mídia nas manifestações. Por mais que doa no bolso da própria sociedade brasileira a depredação do patrimônio público e até mesmo do privado (agências bancárias e concessionárias, por exemplo) não podemos analisar separadamente essas atitudes do grupo, sem pensar em toda a complexidade do contexto que a situação esta envolvida.

Acredito que manifestações totalmente pacíficas não fazem tanto efeito e não trazem à tona toda a problemática social abarcada na indignação popular, talvez nem

²⁵ Na Alemanha Ocidental, movimento autonomista surgiu no fim dos anos 1970, quando os grupos começaram a organizar ações diretas contra a construção de usinas nucleares no interior do país por meio da criação de acampamentos nos terrenos onde as centrais seriam erguidas.

²⁶ Link para reportagem:

<http://www.viomundo.com.br/politica/black-blocs-a-origem-da-tatica-que-causa-polemica-na-esquerda.html>.

Acesso em: 23/10/2013

mesmo manifestações com violência – contudo essas se destacam. Acontece que podemos perceber que o grande foco da mídia durante as manifestações foi trazer a questão da violência dos manifestantes, principalmente a ação dos *black blocs*. Sendo assim seria necessário encontrar outra maneira de chamar, efetivamente, a atenção dos grandes poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário, sendo o quarto poder a própria mídia) que não fosse à violência. Além disso, é preciso deixar claro neste trabalho que o problema não é o fato dos grandes veículos de comunicação reportarem os atos de vandalismo, que aconteceram sim, contudo em menor proporção se comparado com a dimensão das manifestações. A questão crucial é a grande mídia canalizar majoritariamente seus recursos para reportar essas atuações, o que de certa forma escandaliza e deslegitima as manifestações e seus integrantes perante a sociedade.

Nenhum tipo de violência deve ser aceitável, é exatamente o que a grande mídia e a presidência alegam em seus discursos, contudo é preciso lembrar os inúmeros atos do Estado, que violam os direitos civis básicos da população, como: a falta de médicos, recursos nos hospitais e escolas, a má administração do dinheiro público e os seus desvios, os vários impostos que pagamos e não vemos retorno efetivo, entre outros exemplos.

Com toda essa polêmica e movimentação no país, a presidenta Dilma Rousseff decidiu se pronunciar. No dia 21 de junho um discurso em todas as emissoras televisivas foi exibido. Essa aparição da presidenta foi um marco muito forte, foi possível perceber que de fato toda movimentação pública havia gerado um efeito no Brasil e em diversos outros países. Abaixo alguns trechos transcritos do discurso que demonstram a percepção do governo das manifestações e principalmente a insatisfação da presidenta com a violência de parte dos manifestantes:

Os manifestantes têm o direito e a liberdade de questionar e criticar tudo, de propor e exigir mudanças, de lutar por mais qualidade de vida, de defender com paixão suas ideias e propostas, mas precisam fazer isso de forma pacífica e ordeira [...] As manifestações dessa semana trouxeram importantes lições: as tarifas baixaram e as pautas dos manifestantes ganharam prioridade nacional. Temos que aproveitar o vigor destas manifestações para produzir mais mudanças, mudanças que beneficiem o conjunto da população brasileira [...] (Discurso Dilma Rousseff, 21 de junho de 2013 – Rede Nacional)

Outros tópicos abordados por Dilma Rousseff neste discurso foram: a elaboração de um Plano Nacional de Mobilidade Urbana; a sanção da Lei de Acesso a Informação; a solicitação de uma boa recepção da população brasileira aos turistas devido à Copa das Confederações; recepção de líderes das manifestações pacíficas; uma explicação a respeito do dinheiro investido para Copa das Confederações; projeto o qual destina 100% dos *royalties* do petróleo para gastos exclusivamente com a Educação e trazer de imediato milhares de médicos do exterior para ampliar o atendimento do Sistema Único de Saúde, o SUS. Todos esses tópicos geraram muitas críticas e novas temáticas para as manifestações, entre elas a desaprovação da vinda de médicos do exterior.

Novamente as novas mídias, principalmente as redes sociais, propiciaram uma possibilidade de participação política crítica dos usuários – por meio do espaço destinado aos comentários nas redes que surgiram durante o discurso e depois deste, avaliando negativa ou positivamente a presidenta, criando uma situação propícia ao diálogo entre seus membros. Essa comunicação colaborativa que aparece de forma bastante informal também foi representada pelo canal no youtube “Jornal Anonymous Brasil” ²⁷. Segundo trecho retirado do site anonymousbrasil ²⁸ eles se definem como “uma ideia que surgiu em 2004 e sempre seguiu uma linguagem de memética e muitas sátiras. Uma ideia que não pode ser contida, perseguida nem aprisionada.” (2013). Alegam que não possuem hierarquia e/ou líderes e que o anonimato é mantido para que possam combater a corrupção de forma mais efetiva e não sejam perseguidos.

Durante as manifestações, o canal do *youtube* conectado com uma página do facebook postou diversos vídeos criticando o governo e incentivando a participação popular nas manifestações. Entre eles um vídeo resposta ao discurso da Dilma (4.076 visualizações – até o dia 20/10/2013), o qual reprova diversas afirmações da presidenta e finaliza alegando que sim, vamos todos tratar bem os nossos hóspedes (referindo-se ao pedido da Dilma no discurso em relação aos turistas da copa das confederações), mas questionando por que o governo brasileiro não trata bem a própria população.

²⁷ Link: <http://www.youtube.com/watch?v=TB8samkL-WQ>. Acesso em: 30/09/2013

²⁸ Link: <http://www.anonymousbrasil.com/> - Acesso em 07/11/2013

Diante de toda repercussão nacional seria inimaginável pensar que as manifestações brasileiras não ultrapassariam fronteiras. Ainda mais quando pensamos nas manifestações que ocorriam ao mesmo tempo em outros países pelo mundo. No Egito, onde a população foi às ruas exigindo a renúncia do presidente Mohamed Mursi devido a problemas econômicos, políticos e sociais, o grande diferencial das manifestações foi que, mesmo se tornando violentas, cinco manifestantes morreram em confrontos e, a partir daí, elas continuaram ainda mais intensas. No dia 3 de julho de 2013 o corpo militar declarou o fim da Presidência de Mohammed Mursi e a suspensão da Constituição do Egito.

A Turquia também passava por um momento complicado de manifestações, que se iniciaram quando o governo anunciou a destruição do Gezi Park, em Instambul, para viabilizar construções comerciais. As manifestações ganharam corpo e acabaram virando protestos amplificados contra o governo turco e diversas outras temáticas ligadas à liberdade de expressão e de imprensa.

Não muito diferente do Egito e da Turquia, as manifestações brasileiras também foram pauta em outros países. Diversos jornais e emissoras relataram as manifestações e a reação popular e governamental. O jornal *The New York Times*, por exemplo, publicou no dia 21 de junho, uma imagem em uma matéria online intitulada “*The Signs of the Brazilian Protests*”²⁹. As imagens de centenas de pessoas segurando seus cartazes e as traduções destes para língua inglesa. As fotografias são referentes aos dias 17 de junho em São Paulo e ao dia 20 em Recife. A figura 5, na próxima página, exhibe parte da imagem:

²⁹ Tradução para: Os Sinais dos Protestos Brasileiros – Link: http://www.nytimes.com/interactive/2013/06/21/world/americas/brazil-protest-signs.html?_r=0. – Acesso em: 29/10/2013.

- Brasil o que acha de me amar de volta? Estou cansado desse amor platônico;
- Japão, eu troco nosso futebol pela sua educação!;
- Queremos escolas padrão FIFA;
- Quantas escolas valem um Maracanã?;
- Quando seu filho ficar doente leve ele ao estádio;
- Saimos do Facebook;
- Professor te desejo o salário de um deputado brasileiro e o prestígio de um jogador de futebol;
- Obrigado por lutar pelo meu futuro; (frase observada na Manifestação das Crianças no dia 30 de junho no Parque da Cidade).

Além de repercutir nos grandes veículos de comunicação, as manifestações chegaram a outros países por meio de brasileiros que moram fora do país e resolveram representar a população brasileira de longe. No dia 18 de junho, por exemplo, tivemos manifestações em Coimbra, Lisboa e Porto.

A brasileira Carla Dauden, que atualmente mora na Califórnia – USA, postou em seu canal no youtube, diversos vídeos em protesto, áudio em inglês, mas com legenda em português. O vídeo mais visualizado em seu canal é titulado *“No, I am not going to the world cup”*³¹ que possui 3.651.739 visualizações (último acesso em 21/10/2013). No vídeo, Carla explicita as péssimas condições de infraestrutura do Brasil para receber a Copa do Mundo e demonstra diversos fatos que comprovam como as classes mais baixas estão desamparadas pelo governo, que insiste em investir mais dinheiro em megaeventos do que na própria população.

O vídeo fez muito sucesso e em menos de 24 horas já tinha cerca de 600 mil

Público. Criada por Lourival Mendes, no dia 20 de junho, o procurador-geral da República, Roberto Gurgel, alegou que as manifestações no país tiveram papel importante no adiamento da votação.² Em 25 de junho de 2013, a PEC 37 foi posta em votação e rejeitada.

³¹ Tradução para: “Não, eu não vou para Copa do Mundo”. Link: <http://www.youtube.com/watch?v=ZApBgNQgKPU> – Acesso em: 21/10/2013

visualizações. Carla Dauden foi citada em diversos veículos de comunicação, entre eles na Coluna do jornalista Augusto Nunes da Revista Veja ³²que acredita que “a cineasta Carla Dauden presenteou o Brasil decente com um vídeo que, em 6:10, reduz a farrapos a fantasia triunfalista costurada nos últimos seis anos”. (www.veja.abril.com.br, Coluna Augusto Nunes. 18/06/2013). Mais uma vez entramos no mérito do jornalismo colaborativo. Dessa vez a ordem dos fatores muda, em vez de a mídia determinar o que estará na pauta, quem insere a informação são os comunicadores colaborativos, e a repercussão dentro das redes faz com que o assunto entre na pauta dos grandes veículos de comunicação.

Após o protesto do dia 20 de junho algumas ações governamentais, além do discurso da presidenta, foram tomadas. As tarifas dos ônibus em 11 cidades, sendo nove capitais foram reduzidas e os reajustes cancelados. Contudo, as manifestações continuaram por vários dias em diversas cidades. Acontece que como a pauta dos manifestantes estava muito vasta, as manifestações começaram a se segmentar de acordo com as ideologias que estavam sendo representadas, as diversas causas se uniam e faziam eventos em menores proporções.

O número de manifestantes foi caindo e as mobilizações perdendo a magnitude que tinham tomado. Outro fator que provavelmente promoveu a dispersão dos manifestantes foi o apartidarismo empregado de forma massiva pela maioria dos integrantes dos movimentos. Essa questão é bastante complexa e não nos aprofundaremos nela neste trabalho, o fato é que quando se constrói um movimento sem partido é mais difícil se organizar, definir metas e um cronograma. Mesmo com esses fatores, acredito que os eventos não foram negativos e principalmente que não foram em vão.

Todos esses movimentos foram eficientes para trazer certo acúmulo de cultura de luta política para população, que muitas vezes não exerce seu pensamento crítico político. Isso dizer que para aqueles que não haviam presenciado um momento como este ou que nunca haviam participado de manifestações, por serem muito jovens, agora possuem essa experiência e poderão canalizar, ou não, mais esforços para fortalecer as

³² Link: <http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/tag/carla-dauden/> - Acesso em: 12/09/2013

próximas lutas populares. Um exemplo dessa situação, é a Marcha das Crianças, promovida por pais, possíveis participantes das manifestações, que tinham intuito de desenvolver nas crianças esse senso crítico, desde a infância, de que eles são o futuro da nação e podem sim mudar o país para melhor se exercerem seus direitos de democracia. Como podemos observar na figura 6 abaixo:

Figura 6: Manifestação das Crianças



Fonte: Arquivo pessoal

3.1 A legitimação da informação acerca das manifestações de junho pelas redes sociais em Brasília

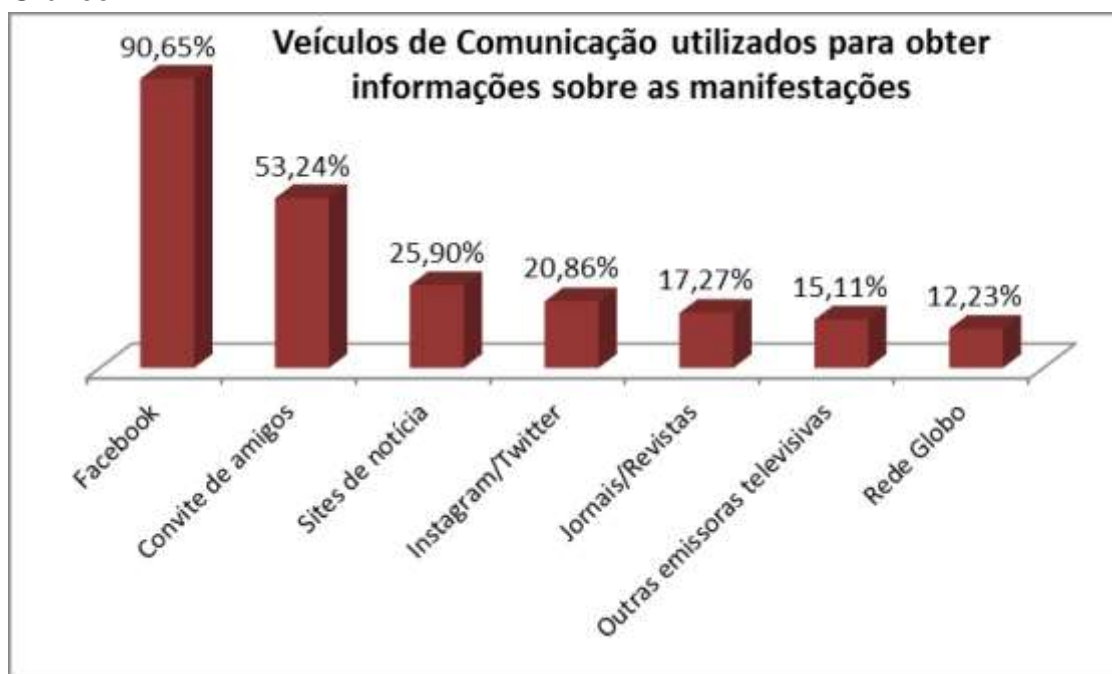
Neste tópico desenvolveremos uma análise acerca da difusão das informações sobre as manifestações nas redes sociais, mais especificamente o *Facebook*, com um recorte em Brasília e regiões administrativas. O Facebook está sendo priorizado devido à repercussão geral nas mídias e por ter sido o ponto de referência para o questionário aplicado durante a pesquisa. Observaremos este fato abaixo.

No dia 22 de junho de 2013, fui à manifestação que ocorreria à partir das 14

horas, com concentração no Museu da República em Brasília. Elaborei um questionário com quatro questões (anexo I).

Foram entrevistados 139 manifestantes, escolhidos de forma aleatória. Ao perguntar qual veículo de comunicação o entrevistado tinha utilizado para se informar sobre as manifestações (lembrando que era possível marcar mais de uma opção) obtivemos um resultado de 129 dos entrevistados utilizando o Facebook, cerca de 90%. Em segundo lugar temos “convite de amigos” – 25,29% dos entrevistados. Conforme gráfico 2 abaixo:

Gráfico 2:



Fonte: Elaboração Própria

Esse fator é crucial para observarmos como o desenrolar das manifestações aconteceu dentro das novas mídias e de que forma essa organização virtual se encontra com a organização *offline*. O espaço para criação de eventos no *Facebook* – no qual qualquer usuário pode criar um evento e convidar pessoas selecionadas de dentro da sua rede para participar – foi importante para que as pessoas se informassem acerca das manifestações (horários, local e temáticas abordadas). Isso faz com que uma pessoa que faz parte de um círculo virtual convide os demais para o evento, o que de certa forma gera mais credibilidade e mais chance da pessoa participar, já que estão

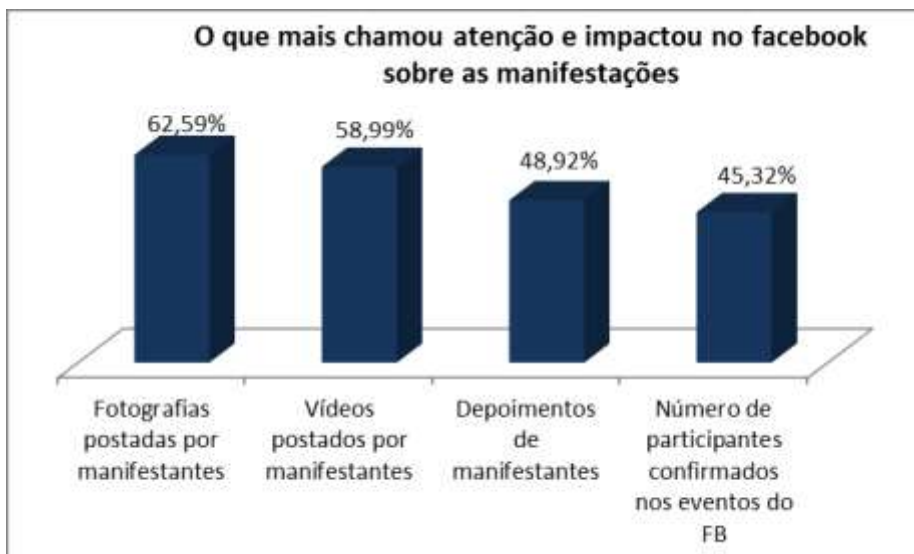
sendo convidados por alguém que já possuem algum tipo de relação, seja um laço social fraco ou uma relação existente apenas no campo virtual. Da mesma forma funciona uma postagem em um perfil individual que ao surgir na *timelime*³³ e ser compartilhado por outros indivíduos invade outros círculos sociais, e assim a informação se espalha rapidamente.

Nesse contexto é possível relacionarmos três teorias discutidas nos capítulos anteriores: os laços sociais, o capital social e o fluxo de comunicação em dois níveis. A comunicação na rede social é extremamente fluída e se baseia na atuação dos seus usuários, que através dos laços sociais existentes constroem credibilidade e confiança, atributos que deliberam valor àquelas informações (capital social). Apenas com esses atributos a informação dentro da rede irá ser dissipada e legitimada. Diante disso é perceptível a importância dos líderes de opinião, pois eles são os percurssores da informação.

Esse novo modelo informativo abalou, de certa forma, as estruturas dos grandes veículos de comunicação no desenrolar das manifestações. Os vídeos, fotografias e relatos dos manifestantes nessas páginas com grande acesso chamaram muita atenção dos usuários, levando-os à participação tanto na rede como fora dela, como vimos anteriormente. Podemos comprovar no gráfico 3, da próxima página, baseado nos questionários aplicados na manifestação do dia 20 de junho (era possível marcar mais de uma opção):

³³ *Timeline* ou linha do tempo é uma ferramenta que organiza e sequencia as postagens no tempo e conduz o usuário na conversa

Gráfico 3:



Fonte: Elaboração própria

O gráfico acima mostra que o que mais chamou atenção e impactou no *Facebook* durante as semanas das manifestações foram as fotografias (62,58%) e em segundo lugar os vídeos postados (58,99%). É perceptível em ambas as páginas do Facebook (analisadas mais adiante neste trabalho) o conteúdo postado é em grande parte composto por essas ferramentas imagéticas, que chamam atenção por serem de fácil visualização e interpretação. Como as redes sociais são emergentes, estão sempre em transformação e com um intenso fluxo de informação, nada mais adequado para estimular esse fluxo do que imagens e textos relatando acontecimentos brevemente, em tempo real. Como a comunicação entre os manifestantes ocorreu massivamente dentro do campo virtual, se tornou mais legítimo considerar as informações postadas nas redes sociais (principalmente por serem mais palpáveis, no sentido de que pessoas comuns participavam e expunham suas aflições) do que na abordagem inicial desempenhada por outros meios.

As grandes mídias, mais especificamente as redes televisivas, atuaram fortemente na cobertura dos movimentos. Diante disso foi possível observar que, muitas vezes, as críticas da população giravam em torno da distorção da informação transmitida nestas mídias (mais um tópico para imensa pauta dos manifestantes). Por isso, e por acontecimentos passados, o conteúdo veiculado por algumas emissoras foi

extremamente reprovado e não legitimado por alguns participantes do protesto. Uma cena que mostra claramente essa relação foi exibida no programa Globo Repórter³⁴ no qual o jornalista, Caco Barcelos, não conseguiu gravar a matéria devido à repressão dos manifestantes, que estavam nitidamente contrários a Rede Globo e impediam que a equipe se concentrasse na manifestação.

Durante as manifestações a atuação midiática passou por fases bastante distintas. Nos primeiros dias as manifestações foram tratadas como algo irrelevante e que com um reforço policial poderiam ser resolvidas. Como confirma, no dia 12 de junho, o jornalista Arnaldo Jabor no Jornal da Globo: *“a organização criminosa de São Paulo queimou mais de dez ônibus, não pode ser por causa de R\$ 0,20, a grande maioria daqueles manifestantes são filhos de classe média, isso era visível, ali não eram pobres que precisavam daqueles vinteis não.”*.

O comentário do jornalista foi extremamente criticado e a rede globo ganhou ainda mais aversão dos integrantes das manifestações. Seria impossível excluir do MPL manifestantes de classes mais baixas – afinal de contas grande parte da classe média e da classe A não utilizam transporte público, e sim a periferia. As causas ali levantadas poderiam até ter sido representada por parcela da classe média, mas isso não é fato que deslegitime ou exclui a magnitude e importância dos protestos.

Com o passar dos dias e com a proporção que os protestos tomaram, o discurso midiático foi se transfigurando, proporcionando mais espaço aos manifestantes. Até o próprio Arnaldo Jabor se desculpou (acredito que em nome da emissora), no dia 17 do mesmo mês, na Rádio CBN. Alegou que tinha receio de que tanta energia fosse desperdiçada por reivindicações insignificantes.

Devido à atuação violenta, de pequenos grupos isolados, durante os protestos, manifestantes foram classificados como bons e maus. Essa personalização é bastante característica dos meios de comunicação de massa - determinar um caráter binário a um assunto que possui diversos influenciadores e aspectos - assim quem possui um senso crítico menos elaborado acaba sendo estrategicamente influenciado. Os maus

³⁴ Programa exibido pela Rede Globo de televisão – Data: 21/06/2013. Link: http://www.youtube.com/watch?v=oJUW9ngk_-A – Data de Acesso: 30/06/2013

manifestantes foram protagonistas na maioria dos jornais televisivos, os chamados vândalos, entravam em cena constantemente, enquanto os restante dos manifestantes (a maioria) não apareciam com tanta frequência. A depredação, a quantidade de pessoas, a atuação dos *black blocs*, as lutas dos policiais e contra eles foram o maior foco. Ao mesmo tempo em que aclamavam a democracia, que as pessoas que estavam nas ruas protestando estavam exercendo a cidadania, enfatizavam as atuações opressivas - estas menos valorosas.

Outra questão que mudou o discurso da mídia foi à descoberta de policiais infiltrados nas manifestações, policiais que acabaram sendo flagrados pelos próprios manifestantes, em situações eticamente comprometedoras. Esses vídeos caíram nas redes e a grande mídia não pôde simplesmente ignorar esses fatos e passou a relatá-los. Um episódio que exemplifica essa situação é o de um policial em São Paulo que quebra a própria viatura. O vídeo, “Policial Quebra Vidro da Própria Viatura - São Paulo 13/6/2013”³⁵, obteve 2.319.176 visualizações no youtube até 25 de outubro de 2013. Matérias em diversos jornais e sites de notícia foram publicadas, comprovando a existência de policiais vândalos e infiltrados. Como mostra reportagem do site Portal G1³⁶ que apresenta matéria, publicada no dia 14 de junho, referente ao caso explicitado acima.

Por mais que os integrantes das manifestações afirmassem que não havia um líder específico, é evidente que existem aqueles que tomam frente e organizam as atividades. Como por exemplo, o estudante Jimmy Lima, de 17 anos, que criou a página Marcha do Vinagre (fazendo referência aos acontecimentos nas manifestações de São Paulo citados acima neste capítulo). O estudante afirma em matéria para revista Veja Brasília que tomou iniciativa de criar o evento ao ver os protestos em São Paulo.

O evento do Facebook - Marcha do Vinagre – com data marcada para o dia 22 de junho em Brasília possui 31.059 manifestantes confirmados e 9.604 que marcaram

³⁵ Link para o vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=kxPNQDFcR0U>

³⁶ Link para reportagem: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/pm-apura-video-que-mostra-policial-quebrando-vidro-de-viatura.html> – Acesso em: 13/10/2013

talvez. Esses números representam cerca de 1,4% da população do Distrito Federal. Ao analisar as postagens da página Marcha do vinagre é possível afirmar que a página criada é uma construtora de opiniões, uma vez que o fluxo de informação (principalmente no mês de junho) é marcado por conteúdo político que são compartilhados pelas pessoas que acessam a página e pelos comentários, que na maioria das vezes, promovem discussões.

Outras páginas no Facebook também alavancaram as manifestações em Brasília. A pergunta três do questionário aplicado perguntava qual página no Facebook foi utilizada para obter informações sobre as manifestações (novamente era possível responder mais de uma opção). A página “Manifestação Brasília” ficou em primeiro lugar com 54,67% dos entrevistados, sendo que em segundo lugar temos a página Marcha do Vinagre com 37,41%. “Manifestação Brasília” obteve 45.745 curtidas, representando uma parcela considerável dos brasilienses. É notório como a estrutura dessas redes se organizam a partir da percepção de um indivíduo pelo outro e da relação que é criada entre eles naquele meio. Podemos perceber essa relação a partir do exemplo abaixo de um post na página Manifestação Brasília:

Figura 7:



Hashtags:

#vemprarua;

#manifestaçãobrasília

Curtidas: 251;

Comentários: 4

Partilhas: 92

Fonte: Facebook – Página Manifestações Brasília – Data: 26/06/2013

Esse *post* faz alusão à música “Ideologia” do Cazuza. Todas as pessoas que compartilharam essa informação (92) se identificam, de alguma forma, com ela e com a referência que a letra da música traz para as manifestações. Ao partilhar a imagem, o indivíduo, como ator social, se expõe para todos os que estão na sua rede virtual e assim cria relações mais participativas com essas pessoas que podem, ao mesmo tempo, curtir, comentar e compartilhar a mesma imagem de acordo com o sentimento de concordância ou discordância.

O segundo exemplo (abaixo) mostra claramente a utilização das *hashtags* como palavras chaves para identificar princípios. O cartaz que diz: “Já que é pra jogar bomba de efeito moral, joga no Congresso Nacional” recebeu comentários que envolveram até mesmo outras temáticas como o vandalismo. Contudo, no contexto em que estávamos, observa-se que grande maioria se posiciona a favor e elogia a criatividade das manifestantes.

Figura 8:



Curtidas: 928

Comentários: 24

Partilhas: 1.319

Hashtags

#vemprarua;

#semviolencia

#ogiganteacordou

#vamospararobrasil

#amanhavaisermaior

#manifestaçãobrasília

#vempraruapararobrasil

Fonte: Facebook – Página Manifestações Brasília

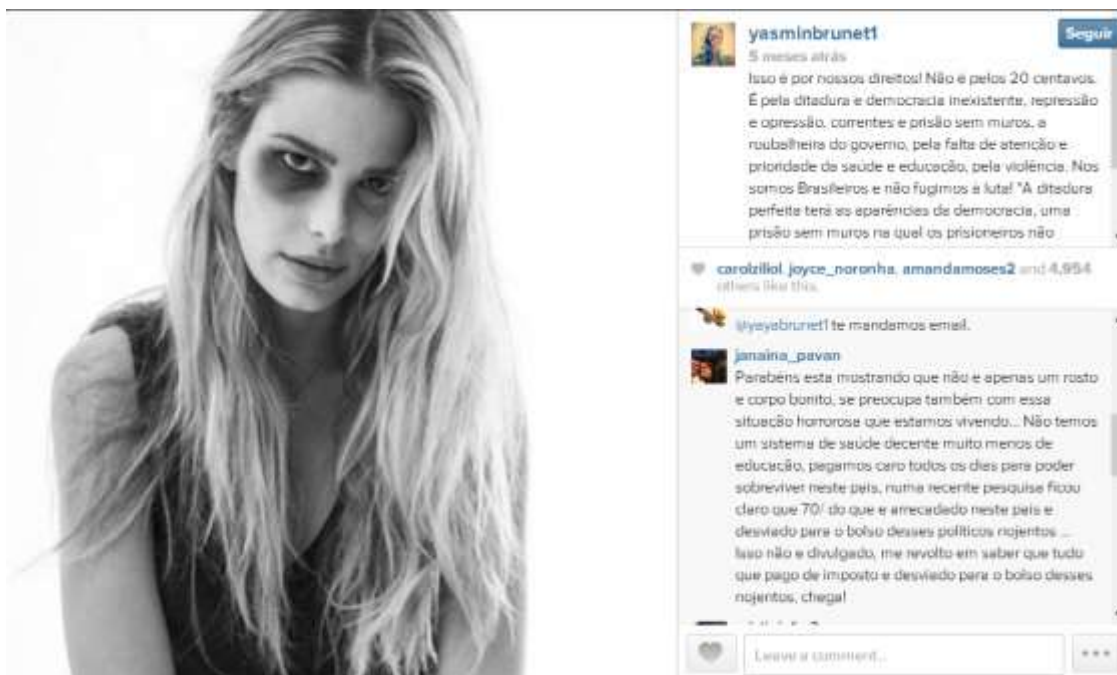
Alguns comentários:

- A criatividade não tem limites. Excelente!;
- Sensacional;
- Haja bombas;
- Galera por favor leiam!! Uma tática contra os vândalos: quando perceber que existem pessoas destruindo o patrimônio público vamos formar um círculo em volta deles e fazer sinal de desaprovação. Caso a mídia filme, fique claro que não somos a favor desses atos. Repassem!;
- Vandalismo é o que eles fazem com a gente!;
- Vamos abraçar o Brasil il il.

Além dessas páginas do Facebook que atuaram na organização das manifestações em Brasília e no Distrito Federal, podemos citar outras mídias sociais que chamaram atenção do Brasil inteiro, como o Instagram. Essa rede social de fotos é composta por diversos usuários que por meio de fotografias e vídeos tratam de diversos assuntos. Durante as manifestações foi perceptível, assim como o uso do facebook, a atuação dos manifestantes nesse meio.

Um projeto bastante interessante, criado pelo fotógrafo Yuri Sardenberg, chamou bastante atenção. O trabalho chamado "Doí em todos nós" reuniu diversos artistas (entre atores e modelos) em um ensaio fotográfico preto e branco, no qual os integrantes posaram com um olho pintado de roxo em apoio às manifestações e contra a repressão policial. Pelo instagram os artistas divulgaram suas fotos e obtiveram muita reação dos fãs e da população que possui acesso a essa rede social. É possível observar essa movimentação através das figuras da próxima página:

Figura 9: Instagram da modelo Yasmim Brunet



Observações da publicação:

Curtidas 4,957

Data de publicação: 16/06/2013

Legenda da foto: Isso é por nossos direitos! Não é pelos 20 centavos. É pela ditadura e democracia inexistente, repressão e opressão, correntes e prisão sem muros, a roubalheira do governo, pela falta de atenção e prioridade da saúde e educação, pela violência. Nós somos Brasileiros e não fugimos à luta! "A ditadura perfeita terá as aparências da democracia, uma prisão sem muros na qual os prisioneiros não sonharão com a fuga. Um sistema de escravatura onde, graças ao consumo e ao divertimento, os escravos terão amor à sua escravidão"

Aldous Huxley #doiemtodosnos #mudabrazil

Principais comentários:

"Parabens pela iniciativa"

"Parabéns esta mostrando que não é apenas um rosto e corpo bonito, se preocupa também com essa situação horrorosa que estamos vivendo".

³⁷ Link: <http://instagram.com/p/apNfYkRD6Z/> - Acesso em: 06/11/2013

Figura 10: Instagram do ator Carmo Dalla Vecchia



Fonte: Página Oficial do ator Carmo Dalla Vecchia³⁸

Observações da publicação:

Curtidas: 3.128

Data de publicação: 16/06/2013

Legenda da foto:

#doiemtodosnos #mudabrasil

Principais comentários:

“Mandou bem, @carmodallavecchia!!!”

“@carmodallavecchia Seu trabalho é muito lindo!! Lindas fotos e lindas atitudes!”

“@carmodallavecchia me segue pfvrr sou seu fã! E... Vc foi para o protesto?”

Outros artistas como Thaila Ayla, Paulo Vilhena, Fernanda Rodrigues e Mayana Neiva fizeram parte do projeto. É possível observar que os comentários são bastante favoráveis à iniciativa do fotógrafo e à prática dos artistas, o que implica maior

³⁸ Link: <http://instagram.com/p/apHutAzg7I/> - Acesso em: 06/11/2013

credibilidade as manifestações. O projeto protagonizado por pessoas públicas e que possuem certa influência na sociedade tem posicionamento forte contra a repressão policial e violência. A opinião desses artistas (que acabam se tornando líderes de opinião) é absorvida por parte da população que tem acesso a suas páginas e assim são reproduzidas e perpassam as redes sociais chegando até parte da população e a grande mídia.

Perante as análises deste capítulo é possível associar as teorias acerca das estruturas bases das redes sociais, como laços sociais e as interações, e assim entender melhor como, por meio da credibilidade construída por cada indivíduo e desses laços, ocorre a legitimação da informação dentro das redes sociais. É possível refletir de que forma, nas manifestações de junho de 2013, os laços sociais já existentes dentro das redes sociais virtuais foram eficazes para engrandecer as manifestações que marcaram o ano por meio dos recursos imagéticos e ferramentas das novas mídias sociais.

CONCLUSÃO

Esta monografia que desenvolveu uma análise sobre a construção do fluxo da informação dos movimentos sociais dentro das mídias sociais e a legitimação dessas informações, mais especificamente no Facebook, é importante para que ocorra uma compreensão de como essas redes sociais interferem constantemente no cotidiano de uma sociedade e como os pilares dessas (laços sociais, interações e capital social) são cruciais para a legitimação de uma informação. Sendo que, neste trabalho, definimos como legítima uma informação, previamente desconhecida, e que ao ser acessada e disponibilizada é validada e aceita pelos seus receptores, de forma positiva ou negativa. Essa informação quando é legitimada é mais facilmente dissiminada e possui um maior poder influenciador nos indivíduos. Essa percepção foi construída através da observação de comentários, número de compartilhamentos e curtidas de publicações no Facebook e demais redes sociais estudadas neste projeto.

Outro conceito trabalhado observado nesta monografia é o da manutenção dos laços sociais no ciberespaço. Para que haja continuidade nessas relações virtuais é preciso existe nestes espaços. Um fenômeno bastante atual estudado por Recuero (2009) e desenvolvido pela autora Paula Sibilia demonstra essas relações: o imperativo da visibilidade. O conceito exprime a necessidade da sociedade civil contemporânea de se expor. As redes sociais são ferramentas que possibilitam essa condição. Essa indispensabilidade de mostrar o seu ser individual no ciberespaço é algo que os atores sociais precisam para existir neste ambiente. Não podemos deixar de colocar que neste trabalho identificamos essa teoria do imperativo da visibilidade de uma forma não exacerbada, ou seja, o aparecer nas redes sociais aqui se relaciona com o próprio existir e conseqüentemente a necessidade de participação em comunidade, no caso, por meio da produção de informação dentro do ciclo que pertence. Diferente das dinâmicas que ocorrem nas mesmas redes sociais que analisamos, mas que se voltam principalmente a um reforço dos valores de identidades e laços sociais por meio de fotografias, principalmente, muitas vezes caracterizadas por um uso excessivo do autorretrato, aproximando-se de um imperativo da visibilidade mais narcisista.

Esse conceito está sendo abordado, pois as manifestações de junho de 2013 só aconteceram com tanta grandiosidade devido à existência de atores sociais que resolveram expor suas opiniões, experiências e vivências nessas mídias, ou seja, resolveram existir no ciberespaço e desempenhar seus papéis de cidadãos. De forma que conseguiram atingir vários círculos sociais diferentes e ao mesmo tempo comover pessoas em âmbito mundial. Parto desta afirmação, pois, foi através das redes sociais que observei que também precisava participar das manifestações, foi através de vídeos e fotografias postados, de forma não profissionais nas redes, que decidi desempenhar um papel mais politizado, buscar mais informações e ir as ruas lutar não apenas pelo que me atingia, mas também pelo sentimento de coletividade.

Seria improvável que as manifestações tivessem apenas um foco, elas se consolidaram em redes sociais, que são extremamente fluídas e se modificam a cada oportunidade. Essa multiplicidade não diz que são menos ou mais valorosas, é apenas uma característica desta. Com todo fluxo de informação que a sociedade de forma geral, mesmo aqueles que não possuem acesso a internet, recebe é inviável cobrar um comportamento unilateral da sociedade. Como confirma Ilse Warrem (2001), quando diz que “a humanidade como um todo está longe de qualquer uniformização de valores. Há forças sociais que atuam nas mais diversas direções”.

As manifestações de junho de 2013 não podem ser consideradas episódios insignificantes por terem sido relativamente rápidas e terem gerado poucos resultados (no caso, a diminuição das tarifas em algumas cidades), mesmo com todas as mazelas políticas, críticas e violência que sofreram, “toda ação coletiva com caráter reivindicativo ou de protesto é movimento social, independente do alcance ou do significado político ou cultural da luta”. (Warren Ilse, 2009, p. 18). A partir disso podemos afirmar que essas manifestações são extremamente legítimas para história do Brasil e que elas surpreenderam toda sociedade civil, a opinião pública, o governo e até mesmo os próprios manifestantes, que não esperavam se envolver em um evento tão imponente.

O fim das manifestações, reforçando que não existe uma data específica, se deu gradativamente e por diversos fatores, como a questão do apartidarismo explicitado no terceiro capítulo. Acredito que mesmo possuindo líderes que trabalham de forma

horizontal, faltou, nas manifestações mais mediações, indivíduos que promovessem intermediações entre os manifestantes e que pudessem conduzir estrategicamente a grande massa que estava disposta a protestar. É o que se entende da seguinte sentença:

Sem a busca de intermediação os organismos da sociedade civil tendem a desaparecer, dando lugar às condutas de crise, tais como bandos de jovens, grupos de delinquentes ou outros grupos de violência organizada. (WARREN, Ilse. 2009, p. 21)

Talvez a ausência desses mediadores e de uma direção política sejam duas das várias causas que fizeram com que os eventos de protesto se dispersassem. Isso não quer dizer, como observei alguns atores sociais falando nas redes, que "o gigante adormeceu". Como afirmou um dos integrantes do MPL, na palestra "Ocupação das Ruas em junho de 2013: o que se passou?" no dia 3 de setembro na Universidade Católica de Brasília (UCB), o gigante nunca esteve adormecido, diversos movimentos sociais surgiram e continuam surgindo. Muitas pessoas lutam diariamente para mantê-los ativos. Não podemos desconsiderar as estruturas desses grupos que constantemente representam e lutam por direitos civis em nome da coletividade. Grupos que por meio da desobediência civil questionam decisões do governo, tomadas de forma autoritária e que beneficiam apenas parte da sociedade, desamparando várias comunidades.

O intuito dessas considerações finais e de toda esta monografia é deixar em aberto reflexões que façam com que todos os leitores entendam melhor como se deu o processo organizativo informacional das manifestações de junho de 2013 e como é possível participar politicamente, mesmo que seja apenas através do espaço virtual. Toda contribuição bem construída e intencionada é válida e tem função no revigoramento da política. Finalizo este trabalho com uma frase muito relevante do professor doutor em Serviço Social, José Paulo Netto, em entrevista à Associação dos Professores de Ensino Superior de Juíz de Fora (APESTV) no youtube³⁹: "Quando tem povo na rua sempre há esperança, sempre há alternativa".

³⁹ Link para entrevista: <http://www.youtube.com/watch?v=r-6ukuhR9p0>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRESSAN, Renato. **Dilemas da rede: Web 2.0, conceitos, tecnologias e modificações**. Disponível em:
 <http://www.petfacom.ufjf.br/wordpress/arquivos/artigos/Artigo_2_Web_2.0.pdf>
 Acesso em: 01/11/2013
- BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.
- CABRAL, Otávio. **O Poder Acuado**. Revista Veja, Brasil, ano 46, n. 26, p. 66-74, junho 2013
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Zahas, 2003
- CAMPBELL, Ulisses. **Brasília mostra sua cara**. Revista Veja Brasília, ano 46, n. 26, junho 2013.
- FACEBOOK, **Manifestação Brasília**. Disponível em
 <<https://www.facebook.com/manifestacaobsb?fref=ts>>. Acesso em: 27/10/2013
- FACEBOOK, **Evento Marcha do Vinagre**. Disponível em
 <<https://www.facebook.com/events/645805775444538/>>. Acesso em: 27/10/2013
- FIUZA, Bruno. **Black Blocs: A origem da tática que causa polêmica na esquerda**. Disponível em
 <<http://www.viomundo.com.br/politica/black-blocs-a-origem-da-tatica-que-causa-polemica-na-esquerda.html>> Acesso em: 07/10/2013
- MARICATO, Ermínia. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo. Carta Maior: 2013
- MAIA, Rousiley C. M.; GOMES, Wilson; MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida (Orgs.) (2011). **Internet e Participação Política no Brasil**. Porto Alegre: Editora Sulina.
- NEW YORK TIMES, **The. The Signs of the Brazilian Protests**. Disponível em
 <<http://www.nytimes.com/interactive/2013/06/21/world/americas/brazil-protest-signs.html>>
 > Acesso em: 22/10/2013

NUNES, Augusto. Carla Dauden - **Direto ao ponto**. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/tag/carla-dauden/>>. Acesso em: 23 de outubro de 2013.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. **O jornalismo em tempo de mudanças estruturais**. In Texto (UFRGS. Online)

POERNER, Arthur. **O poder jovem – História da participação política dos estudantes brasileiros**. São Paulo: 1995. 4. Ed.

PRIMO, A.; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. In: VIII Congresso Latino-americano de Pesquisadores da Comunicação, 2006, São Leopoldo. Anais, 2006.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre – 2009; Editora Meridional

ROCHA, Jorge; BRAMBILLA, Ana Maria. **Comunicação relacional e as mediações possíveis no jornalismo colaborativo**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. 2009

SANTAELLA, Lucia. LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais – a cognição conectiva do twitter**. São Paulo: Paulus, 2010. Coleção Comunicação

TOMAZ, Kleber. **PM Apura vídeo que mostra policial danificando vidro de viatura**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/pm-apura-video-que-mostra-policial-quebrando-vidro-de-viatura.html>>. Acesso em: 17/08/2013

VIZEU, Alfredo; BELTRÃO, Filipe. **Jornalismo Colaborativo: a ideologia das redes**. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2008

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação de Massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2008

WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Loyola 2011

APÊNDICE

Apêndice A - Questionário aplicado nas manifestações:

Manifestações em Junho de 2013

Idade: _____

Sexo: () Feminino () Masculino

1) De quantas manifestações em Brasília você participou no mês de Junho de 2013 ? _____

2) Qual veículo de comunicação você utilizou para se informar sobre as manifestações? (É possível marcar mais de uma opção)

() Facebook () Site de Notícias na Internet () Rede Globo

() Jornais/revistas () Outras Redes Sociais () Outras emissoras televisivas

() Convite de amigos/conhecidos

Se você respondeu Facebook na pergunta anterior. Por favor, responda:

3) Qual página você utilizou para obter informações?

() Marcha do Vinagre (Protestos em Brasília)

() Manifestações Brasília

() Ocupa

() Outras. Qual/Quais: _____

4) O que mais chamou sua atenção no facebook durante essas semanas a respeito das manifestações. (É possível marcar mais de uma opção)

() Vídeos postados por outros manifestantes

() Fotografias postadas por outros manifestantes

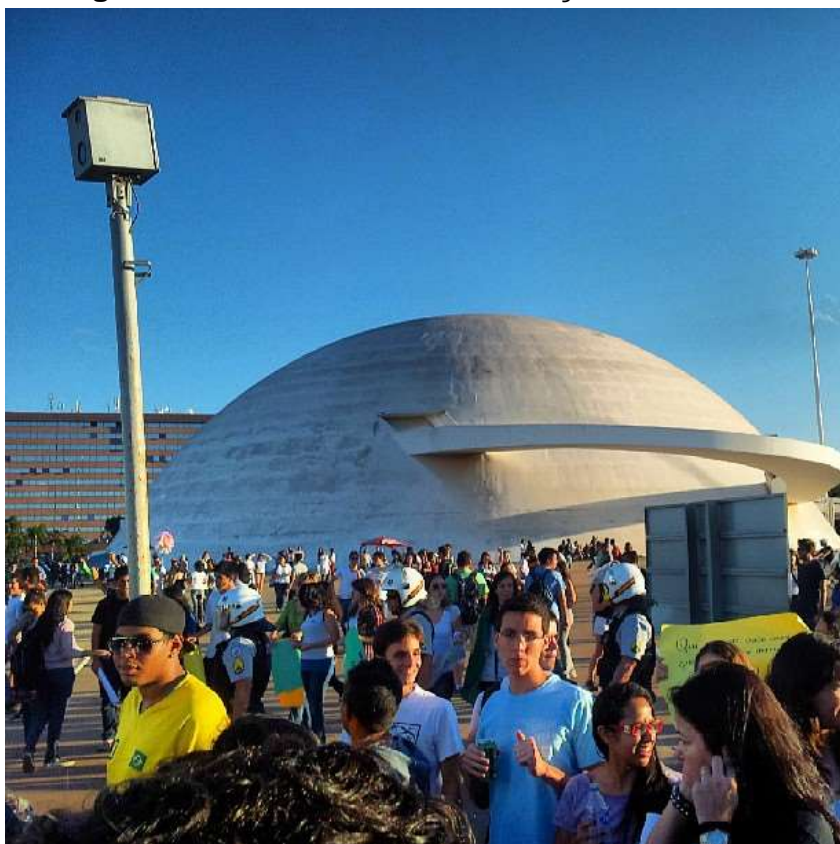
() Depoimentos de quem estava indo aos protestos

() Número de confirmados nos eventos do Facebook.

MUITO OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO PARA MINHA PESQUISA!

ANEXO A

Fotografias diversas das manifestações em Brasília:



Manifestação
17/06/2013

Fonte: Manifestações
Brasília - Facebook



Manifestação
17/06/2013

Fonte: Manifestações
Brasília - Facebook



Manifestação
17/06/2013

Fonte: Manifestações
Brasília - Facebook



Manifestação em
Brasília 20/06/2013

Fonte: Manifestações
Brasília - Facebook



Manifestação em
Brasília 17/06/2013

Fonte: Manifestações
Brasília - Facebook



Manifestação em Brasília
26/06/2013

Fonte: Arquivo pessoal